



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ACADÊMICA
COORDENAÇÃO GERAL DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MÚCIO RODRIGUES BARBOSA DE AGUIAR NETO

**MARIA, MARIANA NA SERRA DO ORORUBÁ –
PE (1936-2016)**

Recife, 2016



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ACADÊMICA
COORDENAÇÃO GERAL DE PESQUISA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MÚCIO RODRIGUES BARBOSA DE AGUIAR NETO

**MARIA, MARIANA NA SERRA DO ORORUBÁ –
PE (1936-2016)**

**Dissertação submetida à aprovação como
requisito parcial à obtenção do grau de mestre,
sob a orientação da Professora Doutora Sylvana
Maria Brandão de Aguiar.**

Recife, 2016

A282m Aguiar Neto, Múcio Rodrigues Barbosa de
Maria, Mariana na Serra do Ororubá - PE (1936-2016) / Múcio
Rodrigues Barbosa de Aguiar Neto ; orientador Sylvana Maria Brandão
de Aguiar, 2016.
92 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.
Pró-reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-graduação. Mestrado
em Ciências da Religião, 2016.

1. Igreja Católica. 2. Graças, Nossa Senhora de 3. Aparições - Pesqueira.
4. Milagres. I.Título.

CDU 232.931

TERMO DE APROVAÇÃO

MÚCIO RODRIGUES BARBOSA DE AGUIAR NETO

MARIA, MARIANA NA SERRA DO ORORUBÁ – PE (1936-2016)

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Sylvana Maria Brandão de Aguiar (Orientadora)

Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP, Recife-PE

Prof. Dr. Severino Vicente da Silva (examinador externo)

Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, Recife-PE

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral (examinador interno)

Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP, Recife-PE

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares (Rosa e Brenno), pelo incentivo e a compreensão pelas longas horas de ausência em função do cumprimento das atividades do curso.

Aos amigos e colegas de curso que contribuíram de algum modo para a execução deste trabalho.

A todos os professores pela sabedoria depositada em forma de conhecimento.

Aos pesquisadores que, antes deste, promoveram suas pesquisas contribuindo para o registro do fenômeno de Cimbres.

A minha orientadora, Dr^a Sylvana Brandão, pela tolerância e compreensão nessa trajetória rumo ao Mestrado.

A Nossa Senhora das Montanhas/Tamain, Nossa Senhora das Graças, e a Deus, pelo dom da vida.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo investigar o fenômeno das aparições de Nossa Senhora das Graças, no Sítio Guarda, na Vila de Cimbres, em Pesqueira, Pernambuco, no ano de 1936. Em nosso primeiro capítulo estudamos os conceitos de aparições e aparições ocorridas no Brasil; no segundo capítulo reapresentamos a narrativa das aparições da Virgem da Graça, na Serra do Ororubá; no terceiro e último capítulo estudamos milagres, curas e graças no entender da Igreja e do popular. Registramos alguns supostos milagres ocorridos ao longo da história do Brasil, incluindo os atribuídos a Nossa Senhora das Graças, de Cimbres. Maria, Mariana na Serra do Ororubá é estudo dos fenômenos das aparições na perspectiva das Ciências da Religião

Palavras-chave: Fenômeno religioso. Aparições. Igreja Católica. História.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the phenomenon of the apparitions of Our Lady of Grace, the site Guard in Cimbres village in Pesqueira, Pernambuco, in the year 1936. In our first chapter we study the concepts of appearances and appearances occurred in Brazil; in the second chapter re-present the story of the apparitions of the Virgin of Grace, in the Serra do Ororubá; the third and final chapter study miracles, healings and graces in the eyes of the Church and popular. We recorded some alleged miracles occurred throughout history in Brazil, including those attributed to Our Lady of Grace, of Cimbres. Maria Mariana Serra do Ororubá is study of the apparitions phenomena from the perspective of religious studies.

Keywords: religious phenomenon Apparitions, Catholic Church History

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Bilhete do índio José Romão – Cimbres, 30/10/1934.....	29
Figura 2	Terra dos índios na Serra de Ororubá.....	31
Figura 3	Padre José Kehrle, nascido em 1891, em Wurttemberg, Alemanha.....	34
Figura 4	Maria da Conceição.....	38
Figura 5	Maria da Conceição e Maria da Luz.....	38
Figura 6	Maria da Luz.....	39
Figura 7	Nossa Senhora das Graças.....	67
Figura 8	Gruta de Nossa Senhora das Graças.....	67
Figura 9	Vista aérea	90
Figura 10	Romeiros.....	80
Figura 11	Romeiros na Gruta.....	81
Figura 12	Subida dos romeiros	81
Figura 13	Escadaria de acesso a Gruta.....	82
Figura 14	Missa em Cimbres, ano de 2014.....	82
Figura 15	Devoção.....	83

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	CAPÍTULO I – SOBRE APARIÇÕES EA PRIMEIRAS NARRATIVAS EM PERNAMBUCO.....	14
1.1	Aparições no Brasil.....	23
1.2	Aparições em Cimbres.....	26
1.3	O milagre da fé: a construção de uma história	33
1.4	As aparições e seu Capital Simbólico.....	35
2	CAPÍTULO II – EU SOU A GRAÇA.....	37
3	CAPÍTULO III - O MILAGRE, A CURA E A GRAÇA.....	68
3.1	Conceitos e reflexões.....	68
3.2	Milagres no Brasil.....	72
3.3	Milagres de Cimbres.....	76
4	CONCLUSÃO.....	84
	REFERÊNCIAS.....	89

INTRODUÇÃO

Antes de escavarmos o passado e exumar episódios documentados que envolvem o fenômeno da aparição de Nossa Senhora das Graças, em Cimbres, cujo nosso título é “Maria, mariana na Serra do Ororubá”, pontuamos que, naquela localidade, antes do ano de 1936, já se tinha devoção a uma santa, originária da presença dos Oratorianos.

Publicado em 1922, na Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco, o artigo “A religião dos índios e dos negros de Pernambuco”, do abade beneditino de Olinda, dom Pedro Roeser, depois de discorrer sobre “as práticas supersticiosas” dos Carijós de Águas Belas, que dançavam o Toré e guardavam silêncio total sobre o ritual sagrado do Ouricuri, reproduziu relato do Vigário da Freguesia de Cimbres, padre Raphael de Meira Lima, sobre “os caboclos de Cimbres”. Segundo o padre Raphael, as manifestações indígenas não passavam de “divertimentos” que eles tinham como uma cerimônia religiosa de devotos:

Elles, não há dúvida, dão ou pretendem dar taes divertimentos como uma cerimônia religiosa, tanto mais que há quem faça promessa para dançar o Toré em honra de N. Sra. Das Montanhas, a quem tem elles muita devoção. Dizem elles que esta imagem apareceu no tempo da cathechese dos religiosos de S. Felipe Nery, que lá tinha um convento (ROESER, 1922, p. 200-201).

Esta pesquisa é um estudo sobre o fenômeno da aparição mariana no Sítio Guarda e, para a sua elaboração, foram estabelecidos três pilares: a compreensão do que é aparição, seus conceitos e entendimentos por parte da Igreja; em seguida, a narrativa do que ocorreu naquele ano de 1936, a partir dos escritos de padre Kehrlé e, por fim, um estudo sobre milagres do ponto de vista teológico, fazendo uma visita aos principais “milagres” registrados no Brasil, concluindo com os atribuídos a Virgem de Cimbres.

No desenvolvimento deste estudo, para transitar pela história, buscou-se como referencial teórico as contribuições de outros estudiosos sobre o tema, a exemplo de Ione Paiva (1987), Swann (2001), Severino Vicente (2002), Edson Silva

(2002), Carlos Steil (2003), Sylvana Brandão (2004), Ligia Lira (2014) e Rafael Maria (2016).

Como metodologia, foram utilizadas bibliografias, fontes primárias, entrevistas com especialista, utilização de iconografias, pesquisa qualitativa e em jornais, apesar de que não encontramos registros no Jornal do Commercio do Recife, no período de agosto a novembro de 1936.

No primeiro capítulo, **SOBRE APARIÇÕES E AS PRIMEIRAS NARRATIVAS EM PERNAMBUCO**, foram traçadas as primeiras linhas com Swann, visando esclarecer a distinção entre “visão” e “aparicação”, o que se fez necessário para que melhor pudéssemos desenvolver nossa pesquisa. Muitas pessoas têm visões de Maria, mas a aparição em si é sempre experimentada exteriormente e em um ponto, lugar ou espaço bem definido, fora do corpo e da mente.

Em paralelo com “aparicação”, uma das definições de “aparência” refere-se a um aspecto exterior, uma manifestação externa, algo que aparece exteriormente de modo paranormal. A Igreja reconhece o fenômeno das aparições, visões, corpóreas ou imaginativas, de Jesus, Nossa Senhora ou de anjos e santos, contudo, o foco principal para a Igreja é saber se a aparição é de origem divina ou demoníaca.

Nessa perspectiva, o conceito atual de aprovação ou desaprovação eclesiástica de aparições nasceu a partir do tratado *De servorum Dei beatificationis*, publicado pelo papa Bento XIV, que esteve à frente da Igreja de 1740 a 1758, e que estabeleceu critério investigativo levando em consideração a anuência da fé humana, chancelada pelo bispo da diocese na qual ocorrera a aparição. No caminhar do tempo, no ano de 2010, seguindo o pensamento daquele pontífice, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil publicou o documento *Aparições e Revelações Particulares*, visto que o número de “aparicações” e “revelações” particulares, principalmente de Nossa Senhora, tem aumentado. A repercussão do fenômeno junto aos meios de comunicação indica que também tem crescido a expectativa desses fenômenos, no meio do povo. Colocando à Igreja e, mais especificamente, ao seu ministério hierárquico, algumas questões de ordem doutrinal e pastoral, devendo oferecer aos fiéis uma palavra autorizada sobre esses fatos, em geral, e sobre eventuais “aparicações” e “revelações”, em particular.

No segundo capítulo, **EU SOU A GRAÇA**, seguimos o modelo de Carlo Ginzburg, na historiografia. Objetivando narrar o fenômeno da aparição da Vila de Cimbres, tendo como fonte o diário do padre José Kehrlé, buscamos compilar as

narrativas de nosso interesse específico, sem esquecer os aspectos sociais e o cenário épico do ano de 1936, cujas manchetes dos jornais com maior frequência divulgavam as ações dos cangaceiros em todo nordeste, causando uma enorme insegurança entre a população, dado ao estilo agressor de Lampião e seu bando.

No mês de abril daquele ano, Ione Paiva relata que houve muita preocupação e insegurança com a chegada da notícia de que Lampião estava se dirigindo a Vila de Cimbres. O povo piedoso clamava pela Mãe de Deus pedindo socorro.

Aterrorizados com a invasão, Dona Auta, mãe da vidente Maria da Luz, levou os filhos para se refugiar nas matas do Sítio Guarda, lugar bem acidentado e cheio de pedras. Passaram três dias de julho ali escondidos, onde fizeram um altar e colocaram uma imagem de Nossa Senhora das Montanhas, e rezavam para que a Virgem os protegesse.

O encontro de Maria da Luz com a Maria da Conceição, a segunda vidente, ocorrera em julho de 1936, quando o Sr. Artur foi à Fazenda Fundão plantar milho e feijão, levando consigo a filha Maria da Luz.

Objetivando conhecer a cronologia das aparições, buscamos no monge beneditino Dom Rafael Maria, que sistematizou as aparições tendo como véis a perspectiva teológica e mariológica, pontuar as ocorrências citando e descrevendo cada aparição e o seu cenário. No dia 09, “um menino joga uma pedra e a mão da virgem sangra”, e as meninas pedem um sinal para que se acredite nas aparições, tendo a santa dito “vou fazer aparecer água no pé desta pedra como sinal”. Por nada ocorrer, foram chamadas de mentirosas, porém, no dia seguinte (10), ao visitar novamente o lugar da aparição, aponta um local onde, numa cavidade da pedra, brota água, visando demonstrar a veracidade de sua presença. Perguntada, teria a santa respondido “para curar as doenças”, sendo ainda vistos por todos os presentes dois rastros, sendo um de “mulher” e outro de “menino pequeno”, ambos encravados na pedra-rocha, sendo dito pela santa “um dos rastros é meu e outro do meu Filho”.

A partir de Quérette, ainda no segundo capítulo, é possível conhecer o início do período de pressões da Diocese e da polícia, visto que a aparição poderia transformar o lugar em ponto de fanatismo. A partir deste momento, a Igreja buscava restringir o acesso ao sagrado, sendo somente esta instituição a detentora da manifestação do divino, uma posição que se aproxima daquilo que posteriormente Bourdieu (1987) usa como teoria, quando afirma que a sociedade é erguida por

classes em constante disputa pelos capitais sociais, pois demonstra que a Igreja controlava as manifestações religiosas (um capital simbólico), buscando manter o controle e a hegemonia, bem comum do que Bourdieu vai chamar de Capital Simbólico – que venha impor os valores da Religião.

Fazemos a lembrança que a devoção ao Apostolado da oração vai se instalar no Brasil com objetivo de “romanização” da Igreja, conforme relata Della Cava e que uma nova devoção mariana iria contra a proposta hierárquica da Igreja Católica.

Já no terceiro e último capítulo, **O MILAGRE, A CURA E A GRAÇA**, a temática, em razão do seu aspecto místico, nos fez começar a pensar que, conhecer os fenômenos de milagres, curas e graças supostamente ocorridos na Serra do Ororubá e em outras localidades do Brasil, faria uma importante contribuição para a historiografia. Apesar da mística não ser o nosso foco científico, não podemos negar o encanto do sobrenatural que ela proporciona. Assim, os ‘milagres’ de Cimbres são também um rico acervo da literatura brasileira, visto que refletem, igualmente, a identidade e memória de nossa gente.

Como não ficar atento ao relato de uma criança que, aos cinco anos, Giulio Silu, sofria desde dois anos de inflamação intestinal, nenhum tratamento médico tinha resultado. Sua mãe então lhe disse: vou levar-lhe a cidade de Cimbres para visitar nossa Senhora. Mãe de Jesus, que Ela o curará. Subindo a serra, dizia o garoto “mãezinha de Jesus vai me curar”, e bebendo a água ‘milagrosa’ pediu a cura, testemunhando depois a mesma. Ou ainda, de um jovem pai que, diagnosticado com meduloblastoma no cérebro e recebendo os melhores tratamentos médicos no Brasil e exterior, estando prestes a falecer, recebe a cura com a intercessão de uma das videntes e com orações a Nossa Senhora das Graças (PAIVA, 1987).

Nossa pesquisa não busca dar respostas definitivas, apenas contribui para que conheçamos os fenômenos religiosos que nos cerca, em especial, o ocorrido na agrária comunidade do Sítio Guarda.

Independente de crenças pessoais ou não, as palavras que se seguirão contam a história de um povo que tem na fé a esperança por um mundo melhor. Aos estudiosos cabe, com respeito, registrar e estudar as origens dos fenômenos e compreender os anseios de uma população devota.

Ao completar 80 anos do fenômeno da aparição de Cimbres, a Igreja, na contramão do posicionamento do ano de 1936, vem prestando regularmente a

assistência religiosa aos eventos da Serra do Ororubá. Apesar de não ter declarado a veracidade do fenômeno da aparição, a Igreja tende a repetir o que acontece no Santuário do Horto, onde está a imagem de padre Cícero Romão, cuja reabilitação foi publicada em dezembro de 2015 que, de forma prática, nada interferiu no cotidiano dos peregrinos, porém, tem como base as *Normas Sobre o Modo de Proceder no Discernimento de Supostas Aparições e Revelações* da Congregação para Doutrina da Fé que em mesmo documento, recomenda:

A autoridade eclesiástica competente, se nada o impedir, tendo em conta os critérios mencionados anteriormente, pode intervir para permitir ou promover algumas formas de culto ou devoção quando os fiéis o solicitem legitimamente (encontrando-se, portanto, em comunhão com os Pastores e não movidos por um espírito sectário). No entanto deve-se velar para que esta forma de proceder não seja interpretada como aprovação do caráter sobrenatural dos fatos por parte da Igreja cf. Nota prévia, c.

Quando se tiver a certeza dos fatos relativos a uma suposta aparição ou revelação, cabe por ofício à Autoridade eclesiástica:

- a) Em primeiro lugar, julgar sobre o fato segundo os critérios positivos e negativos cf. infra, n. I.
- b) Depois, caso este exame tenha resultado favorável, permitir algumas manifestações públicas de culto ou devoção e continuar vigiando-as com toda prudência.
- c) Finalmente, à luz do tempo transcorrido e da experiência adquirida, se fosse o caso, emitir um juízo sobre a verdade e sobre o caráter sobrenatural do fato (especialmente em consideração à abundância dos frutos espirituais provenientes da nova devoção).

Por fim, consideramos que nossas palavras tentaram abordar um tema ainda pouco explorado pela academia, porém, de importante relevância para aqueles que poderão se apropriar da temática em foco para continuar a escrever a história que cotidianamente se revela, saindo dos arquivos da escuridão. Seja feita à luz!

CAPITULO I: SOBRE APARIÇÕES E AS PRIMEIRAS NARRATIVAS EM PERNAMBUCO

A definição comum de “aparição” é visão ou fenômeno incomum e inesperado, em geral, descrito como figura ou aparência espectral. Swann, na introdução do seu livro “As Grandes Aparições de Maria”, busca esclarecer as diferenças entre “visão” e “aparição” da seguinte forma:

Visão é quase sempre experimentada interiormente, como se acontecesse em “nossa cabeça”. Muita gente tem visões da Virgem. Mas aparição é sempre experimentada exteriormente e em um ponto, lugar ou espaço bem definido fora do corpo e da mente. Em paralelo com “aparição”, uma das definições de “aparência” refere-se a um aspecto exterior, uma manifestação exterior, algo que aparece exteriormente de modo paranormal (SWANN, 2001, p, 21).

Para a Igreja, o fenômeno das aparições, visões, corpóreas ou imaginativas, de Jesus, Nossa Senhora ou de anjos e santos são algo reais, porém, devendo ter um criterioso estudo investigativo. O foco principal para a Igreja é saber se a aparição é de origem divina ou demoníaca.

O conceito de aprovação ou desaprovação eclesiástica de aparições emanou do tratado *De servorum Dei beatificationis*, publicado pelo papa Bento XIV(1900) que esteve à frente da Igreja de 1740 a 1758, o qual estabeleceu que a Igreja só aprovaria uma aparição depois de cuidadosas investigações, levando em consideração a anuência da fé humana, chancelada pelo bispo da diocese na qual ocorrera a aparição (SWANN, 2001, p, 17).

Em 1966, a Sagrada Congregação para Doutrina da Fé publicou decreto assinado pelo papa Paulo VI revogando todas as cláusulas anteriores a respeito de aparições. No documento, a permissão eclesiástica já não era uma exigência para a publicação de informações sobre aparições, nem censura deveria ser aplicada por frequentar lugares de aparições, mesmo aquelas ainda não reconhecidas pelos ordinários das dioceses (SWANN, 2001, p, 21).

Os estudiosos marianos afirmam a existência de um modelo de aparição de Nossa Senhora formado no século XIX. Entretanto, não há unanimidade sobre a concepção de que as aparições marianas são fenômenos característicos do período mencionado. Barnay (1999), em sua obra *Le Ciel sur la Terre: Les apparitions de la Vierge au Moyen Âge*, afirma que as aparições de Nossa Senhora estão presentes, de forma significativa no catolicismo há séculos, tendo surgido no século IV e nunca deixando de existir, contabilizando mais de cinco mil relatos entre os séculos IV e XX. Contudo, há registros de que, há cerca de 70 d.C. após a crucifixão, ressurreição e ascensão de Cristo, seus apóstolos começaram a divulgar a mensagem que Jesus deixou por toda Israel e, pouco depois, pelo império romano. Um desses apóstolos, Tiago (o "Maior"), teria viajado para Oeste até à vila de Saragossa, a Nordeste da Espanha. Enquanto ali se encontrava, consta que Tiago teria ficado abatido com o fracasso da sua missão.

A tradição católica sustenta que, encontrando-se Tiago imerso em profunda oração, Maria lhe apareceu e entregou-lhe uma pequena estátua representando a si mesma, esculpida em madeira, e uma coluna de madeira de jaspe, e instruiu-o a erigir uma igreja em honra a Nossa Senhora do Pilar¹.

Em 1208, em Prouille, França, Nossa Senhora do Rosário apareceu a Domingos de Gusmão, pregador espanhol que combateu no sudeste da França, o que se considerava heresia albigense, a qual estava se difundindo rapidamente. Maria deu-lhe o rosário, instando-o a que o pregasse a toda gente, como remédio contra a considerada heresia e pecado. De toda forma, Domingos de Gusmão fundou uma ordem de frades pregadores, visando o fortalecimento bíblico a partir de mosteiros em todo o mundo. Sua ordem é comumente referida como dos Dominicanos².

Para compreender o processo que fez do rosário um objeto sagrado é preciso observar a mentalidade religiosa do homem medieval, apresentando o universo no qual esses devotos estavam inseridos. A Idade Média foi uma época que favoreceu a proliferação de símbolos, de modo que o sagrado fosse exacerbado e

¹CARREIRA, Paula Cristina Ferreira da Costa. **Dominicanos: Breve história da fundação da Ordem dos Pregadores e da presença em Portugal**. Disponível em http://www.snpcultura.org/dominicanos_historia_fundacao_e_presenca_portugal.html Acessado em 22/09/2015.

² Idem.

representado de todas as maneiras possíveis, a exemplo da arquitetura, iconografia, imagética, vestimentas, comércio de relíquias e rituais. Assim,

Nada acontecia que não o fosse pelo poder do sagrado, e todos sabiam que as coisas do tempo estão iluminadas pelo esplendor e pelo terror da eternidade. (...) Anjos descem a terra ligados ao mundo, enquanto Deus preside a todas as coisas do topo de sua altura sublime. E havia possessões, milagres, encontros com o diabo e as coisas boas aconteciam porque Deus protegia aqueles que o temiam, e as desgraças e pestes eram por Ele enviadas como castigos para o pecado e a descrença (ALVES, 1999, p.41).

A partir da aparição, o rosário foi atribuído a Nossa Senhora, estando relacionado às flores, não apenas pela aparência do objeto, mas pelo símbolo de beleza e pelas propriedades curativas que a rosa proporcionava, fazendo, então, uma relação com a palavra do latim medieval *rosarium*, que significa jardim de rosas (CORAZZA, 2005, p.33).

A extensão do uso do rosário, como afirma Juliana Beatriz Almeida de Souza, coube, também, aos cruzados que tomara o costume dos muçulmanos, de usarem o colar no pescoço. Porém, sendo a Reforma Católica uma ação propulsora para a devoção à Maria, a autora destaca a obra do dominicano Alano de Rupe, que “despertou a crença nos poderes do rosário como meio de obter graças e proteção da Virgem Maria”, inspirando outras obras e missionários, “em especial, os dominicanos”, por toda a Europa e, mais tarde, trazida para outros continentes através das campanhas de evangelização (SOUZA, 2001, p. 79).

No Brasil colonial, o núcleo de convivência social era as irmandades religiosas que havia se tornado uma forma de distração e diversão para a sociedade, através das festas e procissões, havendo uma convicção religiosa mais superficial, diferente da que se vivia na Europa, por ter sido exaltada através de elementos predominantes nos ritos externos, como o colorido e a pompa das práticas que atendiam os sentimentos e os sentidos dos colonos (BOSCHI, 2015, p. 58).

A devoção a Nossa Senhora do Rosário chegou ao Brasil depois da perda da primazia dominicana sobre esse culto, na expansão para o além-mar, de várias irmandades do Rosário que foram fundadas pelos agostinhos, chegando nessas

terras através dos jesuítas e, possivelmente, vinda também com os leigos portugueses.³

Em Guadalupe, México (1531), a descoberta do Novo Mundo trouxe consigo tanto pessoas interessadas em riqueza, sobretudo na do povo maia, como religiosos, ansiosos por converter as populações indígenas à fé cristã. Um dos convertidos era um índio asteca, chamado Cuauhtlatohuac (Águia Cantora), mas cristianizado com o nome Juan Diego que, segundo relatos, teve quatro encontros com a aparição (SWANN, 2001. p. 49). Numa de suas idas à capela, Juan caminhava por uma colina, de Tepayac, no México Central onde, perto desta Colina, ele teria encontrado “uma bela Senhora”, cercada dum círculo de luz brilhante como o sol. Falando o idioma de Juan Diego, a Senhora identificou-se:

Juanito, menor dos meus filhos, fica sabendo que sou Maria, sempre Virgem, Mãe do Deus verdadeiro, que dá vida e mantém a existência. Ele criou todas as coisas. Ele está em todos os lugares. Ele é o Senhor do Céu e da Terra. Eu desejo que seja construído um templo para mim neste lugar, onde o teu povo possa experimentar a minha compaixão, auxílio e proteção. Todos os que sinceramente pedirem a minha ajuda em suas tribulações e dores conhecerão meu Coração Maternal neste lugar. Aqui eu verei as suas lágrimas; consolá-los-ei e eles encontrarão paz. Por isso, corre agora a Tenochtitlan e conta ao Bispo tudo o que aqui viste e ouviste⁴.

Tendo procurado o bispo e relatado a visão, Juan Diego fora mandado embora. Voltando ao lugar da aparição, relatou o mau acolhimento a Santa que o orientou a ir novamente, no dia seguinte, procurar o bispo.

Diferentemente de outras aparições, a de Guadalupe não foi atestada com investigações e inquéritos, aos quais é comum. Em 1945, foi entronada como padroeira da América Latina (SWANN, 2001, p. 44).

³ PACHECO, Paulo Henrique Silva. **A origem branca da devoção negra do rosário**. Disponível em <http://revistatemposeconquista.com.br/documents/RTC3/PAULOHENRIQUEPACHECO.pdf> Acessado em 22/09/2015

⁴ ACHIROPITA, 2012. Disponível em http://www.achipopita.org.br/uploads/images/jornal/pdf/Jornal%20de%20Pascoa%202012_%20S.pdf. Acessado em 22/09/2015.

A história pontua outros relatos de existência de manifestações de contato entre a Virgem e os humanos desde a Idade Média. Apesar disso, elas não são fenômenos consensuais no âmbito do catolicismo, pelo contrário, estas são alvo de intensas controvérsias envolvendo teólogos e a hierarquia católica. Muitas delas, inclusive, permanecem à margem da oficialidade, não sendo consideradas verídicas, nem recebendo a chancela oficial da Igreja. No universo católico, há importantes defensores da devoção mariana, entre eles, o papa Paulo VI que, na Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, buscou desenvolver uma ordenação para o culto a Maria, afirmando que:

a história da piedade demonstra que "as diversas formas de devoção para com a Mãe de Deus, que a Igreja aprovou, dentro dos limites da doutrina sã e ortodoxa" (LG 66) se desenvolvem em subordinação harmônica ao culto de Cristo, e gravitam à volta deste, qual ponto de referência natural e necessário das mesmas (PAULO VI, 1974, p. 03).

Em seu texto, Paulo VI claramente chama para o seio da hierarquia da Igreja a função de reconhecimento da devoção, devendo, ainda, por limites.

Treze anos depois, o papa João Paulo II, autor da encíclica *Redemptoris Mater*, sobre o culto mariano, declara que, "na vida da Igreja, na realidade, se não é possível estabelecer um momento cronológico preciso para aí fixar o nascimento de Maria, tem sido constante da parte da Igreja a consciência de que Maria apareceu antes de Cristo no horizonte da história da salvação" (PAULO II, 1987, p, 10).

Paulo VI e João Paulo II divergem acerca do papel de Maria, posto que para Paulo VI ela deve está "à volta deste" (Jesus) e para João Paulo II, Maria faz parte, igualmente, do papel da salvação. Porém, o que fica claro é que, a partir de João Paulo II, há uma tentativa de se abrir um novo olhar para a mariologia, que tende a assumir um papel pedagógico e catequético, facilitando a "aceitação" para com a liberdade de devoção e pertença dos fenômenos da aparição.

Ao pontuar as citações dos papas, somos de acordo com o pensamento de Pelletier que afirma que "a Igreja, como qualquer instituição histórica, é também um campo de batalha onde o equilíbrio de poder é amarrado em torno da definição de uma legitimidade religiosa", e que essa legitimidade flui de acordo com as conveniências na história da Igreja (PELLETIER, 2005, p, 216).

Na perspectiva teológica, o padre René Laurentin caminha na defesa das aparições, publicando em 2007 a definição das "aparições" da Virgem Maria, em sua obra e descrevendo mais de 2.400 apresentações ao longo da história da Igreja, sendo a principal delas sobre a aparição mariana a "Catarina de Labouré".

Segundo a antropóloga Lílian Sales, autora do artigo "A legitimação das aparições da Virgem Maria: estratégias e agências", os estudiosos marianos afirmam a existência de um modelo de aparição de Nossa Senhora formado no século XIX.

Ainda afirma Sales que, no Ocidente, as visões se intensificam por volta do século X, crescendo nesse período a construção de capelas votivas dedicadas a Nossa Senhora, iniciando-se a edificação da imagem da mediadora entre Deus e os homens.

Contudo, segundo Swann (2001), em dois períodos da história houve intervalos de aparições marianas, chamado "período estéril", sendo conhecidos como da Reforma Protestante e da Inquisição espanhola e a Santa Inquisição romana.

No decorrer do século XIX, a Igreja começa a reconhecer algumas aparições que se estabelecem como marcos para o catolicismo europeu. Estas manifestações ocorrem na França, onde a Igreja reconhece sucessivamente três episódios: Rue du Bac, em 1830, La Salette, em 1846, e Lourdes, em 1858. O envolvimento do clero com as aparições foi central para o reconhecimento destas manifestações. Embora os fenômenos de contato entre a Virgem e os homens já estivessem historicamente presentes no catolicismo, a hierarquia da Igreja tratou de consolidar a crença nas aparições neste período, tanto é que em 1950 houve por parte da Igreja a proclamação do dogma da Assunção de Maria (SWANN, 2001, p. 64).

Grande marco na historiografia das aparições, Fátima, em Portugal (1916), deu novo impulso ao fenômeno devocional mariano no mundo. Apesar da grande ligação íntima da Igreja com o governo português, no período de 1900 começavam a surgir forças antimonarquistas e anticlericais que, sob o lema "República dos Terroristas," buscavam aniquilar a força da Igreja e da monarquia em Portugal. O rei Carlos I e seu filho, herdeiro do trono, foram assassinados em 1908, quando as facções revolucionárias extremistas organizaram-se para realizar uma reforma no país. E em 1910, o rei seguinte, Manuel I, com medo da morte, foge para a Inglaterra, que é proclamada uma república revolucionária, cujos pilares eram a

democracia, o socialismo, livres-pensadores, marxistas e ateus (SWANN, 2001, p. 189).

Neste cenário de dificuldades, entre 1911 e 1916, pelo menos 17 mil religiosos católicos foram assassinados (SWANN, 2001, p. 190).

Há 180 quilômetros estava a capital Lisboa, Fátima era um pequeno povoado pobre habitada por poucos camponeses. No início de 1916, três crianças camponesas (Lucia dos Santos, Jacinta e Francisco Marto) começam a mudar o cenário anticristão de Portugal, quando afirmaram ter visto a imagem do Imaculado Coração de Maria, popularmente conhecido como Nossa Senhora de Fátima (SWANN, 2001, p. 191).

Em 4 de julho de 1948, nas Filipinas, sob o título de “Medianeira de Todas as Graças”, começa no Carmelo de Lipa as aparições de Maria a Teresita Castillo, de 21 anos. Nem a objeção de sua família – que tentou a todo custo trazê-la de volta para casa –, nem as tentações do demônio – que, já nos primeiros dias de seu noviciado, a incitaram a abandonar a vocação –, fizeram-na desistir de seu desejo de consagrar-se totalmente a Deus⁵.

No dia 18 de agosto de 1948, a sua cela é misteriosamente visitada por uma bela Senhora de branco e de odor celestial: "Não tenhas medo – ela diz –, meu Filho enviou-me para trazer-te uma mensagem". **Do Céu, aquela Senhora vem pedir a Teresita oração e penitências pela humanidade, especialmente pelas almas consagradas a Deus** (grifo nosso).⁶

Para confirmar a origem celestial da aparição, são realizados dois sinais. Um primeiro, à Madre Priora: depois de lavar os seus pés e beber a água com que os lavou, Teresita aparece com os olhos lacrimalentos de sangue, fenômeno que faz a sua superior dar crédito à aparição. O segundo, que se repetiu inúmeras vezes ao longo de todo aquele ano, refere-se às inexplicáveis chuvas de pétalas de rosas, de uma variedade impressionante: uma delas convenceu o bispo Alfredo Versoza da autenticidade do evento e, outras tantas, acontecidas fora do mosteiro, deram aos

⁵ RICARDO, Paulo. **Igreja reconhece a aparição de Nossa Senhora Medianeira.** <https://padrepauloricardo.org/blog/igreja-reconhece-aparicao-de-nossa-senhora-medianeira-nas-filipinas> Acesso em 22/09/2015

⁶ Idem

fiéis da região a certeza de que Nossa Senhora tinha realmente visitado as Filipinas⁷.

Na tarde do dia 12 de setembro, festa do Santíssimo Nome de Maria, enquanto caminhava no jardim da clausura, Teresita é surpreendida por uma videira que se move violentamente, mesmo sem a presença do vento. Ela se aproxima da parreira e ouve a voz da Senhora que lhe diz: "Não tenhas medo, minha filha. Beija o chão e faz tudo o que eu te disser para fazer." Em seguida, repetindo o que havia mandado a Santa Bernadette Soubirous, em Lourdes, a Virgem ordena-lhe que se abaixe e coma da grama plantada no chão. "Quero que venhas visitar-me aqui, neste lugar, por 15 dias seguidos".⁸

No outro dia, às 5h da tarde, lá está Teresita, ajoelhada perto da videira e rezando a oração da Ave Maria. Às palavras "cheia de graça", ela avista a mais bela Senhora, em atitude de oração e com um Rosário em sua mão direita. A Virgem usa um vestido candidamente branco e uma fita apertada em sua cintura. Tem os pés descalços e apoia-se sobre uma nuvem que flutua cerca de dois ou três pés acima do chão. "Reza, por favor, pelos padres e religiosas, e ajuda-me a fazer penitência por eles. Reza por eles como nunca antes rezaste. **O Sagrado Coração do Meu Filho sangra de novo por cada padre e religiosa que se perde.** O orgulho os afastou do verdadeiro aprisco e a vergonha endureceu os seus corações⁹. Antes de desaparecer, Teresita pergunta à mulher: "Bela Senhora, quem sois vós?". Ao que ela responde: "**Sou tua mãe**" (grifo nosso).¹⁰

No dia seguinte, 14, Teresita encontra Nossa Senhora que a espera com os braços abertos, como se quisesse abraçá-la. A Virgem expressa o desejo de ter aquele lugar abençoado, para lembrar a sua aparição¹¹.

No dia 15, o capelão do Carmelo, o bispo Alfredo Maria Obviar, abençoa o local dos encontros de Teresita com a Virgem. Depois, as religiosas experimentam uma chuva especial de pétalas de rosas, enviada para confirmar a autenticidade das

⁷ RICARDO, Paulo. **Igreja reconhece a aparição de Nossa Senhora Medianeira.** <https://padrepauloricardo.org/blog/igreja-reconhece-aparicao-de-nossa-senhora-medianeira-nas-filipinas> Acesso em 22/09/2015

⁸ Idem

⁹ Idem

¹⁰ Idem

¹¹ Idem

visões. No mesmo dia, a Senhora pede uma imagem consagrada para seu o culto naquele convento, o qual ela quer que se chame de "Carmelo de Nossa Senhora" ¹².

No dia 18, a Virgem Santíssima não aparece, fazendo apenas ressoar a sua voz triste. "Como posso consolar-vos, querida Mamãe Maria?", pergunta Teresita. "**Continua rezando e oferece sacrifícios por aqueles que não crêem**", responde Nossa Senhora:

Confiai em mim. Amai-me. Acreditai em que tudo o que digo, porque sou vossa Mãe, uma Mãe amorosa que cuida de todas vós. Meu Filho sofreu por cada uma de vós. Aqueles que duvidam do Seu amor por cada alma do mundo fá-Lo sofrer de novo toda a dor do Calvário – tudo porque Ele muito ama os homens. Quando o Seu Coração sangra, o meu também sangra. Grande foi o meu sofrimento quando nossos olhos se encontraram no Seu caminho para o Calvário. Nossas mãos ficaram separadas por poucos centímetros. Eu quis tocá-Lo, para fazê-Lo sentir que eu estava lá por Ele até Seu último suspiro. Mas Deus não quis assim. Seus braços estavam muito fracos para mover mais um centímetro e tocar os meus. Meditai nisso, e vede o quanto Mãe e Filho trabalharam e sofreram juntos para salvar o mundo. Virá o tempo em que podereis revelar tudo¹³.

Em setembro de 2015, o bispo de Lipa assina decreto reconhecendo o "caráter sobrenatural" das aparições da Virgem Maria à Irmã Teresita Castillo, em 1948. Em nove de junho de 2016, a Congregação para a Doutrina da Fé do Vaticano declarou que as supostas aparições da Virgem Maria no convento carmelita de Lipa, nas Filipinas, são "carentes de origem sobrenatural". O documento da Congregação para a Doutrina da Fé, assinado pelo seu Prefeito, Cardeal Gerhard Müller, determinou que o decreto do Arcebispo de Lipa permanece "nulo e sem efeito" ¹⁴.

Uma nova aparição correu o mundo, Medjugorje, na Iugoslávia, que durante várias décadas esteve sob o jugo comunista do Império Soviético. Segundo os

¹² RICARDO, Paulo. **Igreja reconhece a aparição de Nossa Senhora Medianeira.** <https://padrepauloricardo.org/blog/igreja-reconhece-aparicao-de-nossa-senhora-medianeira-nas-filipinas> Acesso em 22/09/2015

¹³ Idem

¹⁴ Idem

relatos, em 24 de junho de 1981, duas adolescentes caminhavam no monte rochoso da paróquia de Medjugorje quando avistaram uma silhueta luminosa de uma mulher que flutuava no espaço a um metro do solo. Outros dois jovens foram chamados e quando voltaram ao lugar afirmaram todos terem visto a Senhora¹⁵.

Sobre essa aparição, em junho de 2015, durante a reunião da Congregação para a Doutrina da Fé, o cardeal Gerhard Ludwig Müller, Prefeito da Congregação, divulgou o parecer da Santa Sé em relação às aparições de Medjugorje (Bósnia-Herzegovina) e aos respectivos videntes. A conclusão apresentada é que nunca aconteceu nenhum evento sobrenatural em Medjugorje. Este parecer foi apresentado pela “Comissão Ruini”, constituída pelo Papa Bento XVI para investigar os ditos fenómenos e as mensagens da Virgem Maria que são tornadas publicas regularmente pelos videntes desde 1981. Apesar da negativa, “Medjugorje deverá continuar a ser considerado um local de fé e oração porque Deus consegue recolher até onde não semeia”¹⁶, afirmou o cardeal Müller.

1.1 Aparições no Brasil

Para Carlos Alberto Steil, organizador do livro “Maria entre os vivos: Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil”, é cada vez mais comum videntes e mensageiros de Maria ocuparem lugar “nas franjas do catolicismo popular” (STEIL, 2003, p. 19). Para Steil, a divulgação dos fenômenos da aparição na imprensa vem fugindo do controle oficial da Igreja. No Brasil, os relatos das aparições entraram no cotidiano de muitos fieis não se isolando apenas no mundo do catolicismo onde esses relatos emergem.

Steil (2003), pontua, ainda que o padrão clerical que predominou nas aparições até Madjugorje estava inserido numa proposta de oposição entre razão e fé, como tônica de discursão do mundo moderno, revivendo o passado de disputa entre ciência e crença. Nesta perspectiva, observa que as aparições marianas de Lourdes e Fátima, e de tantas outras daquele período, reconhecidas oficialmente ou não pela Igreja, tinham em comum questões sociais e políticas, a exemplo do fim da

¹⁵ BARILE, Gianluca. **Vaticano declara falsas as aparições de Medjugorje**. Disponível em <http://www.padremarcelotenorio.com/2015/06/vaticano-declara-falsas-as-aparicoes-de-medjugorje/>
Acesso em 02/06/2016

¹⁶ Idem

Guerra Fria e a negação do comunismo. Voltando a falar sobre as aparições no Brasil, Steil afirma em seu livro:

O primeiro elemento comum a destacar refere-se ao reconhecimento da densidade simbólica com a qual se revestem esses fenômenos, tornando-os assim, capazes de condensar significados e valores históricos e atuais da tradição católica, partilhados por uma extensa e diversificada comunidade de devotos (STEIL, 2003, p. 22).

Autores do artigo “Gênero e aparições marianas do Brasil contemporâneo”, Marjo de Theij e Els Jacobs consideram as aparições do Brasil como inaugural de uma nova fase, a inserção dos homens e mulheres na construção da devoção e a relação entre o clero e os leigos na fundação e formação dos cultos. As aparições inauguram uma importante fase de construção do imaginário religioso devocional, recebendo uma grande densidade simbólica de transmissão de significados. Afirmam os autores:

Como fonte de significados religiosos, Maria produz uma associação à feminilidade e uma identidade fêmea suprema. Nas atividades culturais que são desenvolvidas em torno das aparições essa identidade de Nossa Senhora ocupa uma referência principal. Ainda mais, observamos que mulheres têm um papel importante, tanto como videntes quanto como lideranças nos cultos (STEIL, 2003, p. 37-38).

Com essa afirmação, compreende-se que o vidente da aparição de Nossa Senhora em Angüera na Bahia, de 1987, Pedro Régis Alves, afirma a explicação de que Maria veio para ajudar os filhos, os que precisam de auxílio, propondo uma divisão do mundo entre profano e sagrado. O modelo de aparição Mariana visto em Angüera possui a mesma estrutura de outras aparições marianas vivenciadas no Brasil, a saber: a jovialidade, o ambiente rural e dificuldade financeira do vidente, além da extrema devoção ao sagrado católico e a imagem de Maria. Contudo, a diferenciação é de que Pedro Régis tinha uma frequência de transe a partir da reza do terço, funcionando quase como transe mediúnico, porém, sem a perda da consciência (REESINK, 2003, p. 91).

As aparições de Nossa Senhora em Piedade dos Gerais, na zona rural do Estado de Minas Gerais, a duas crianças, são narradas como um acontecimento da natureza, porém, incorporadas com o sobrenatural visto que, sendo as meninas (videntes), o lugar onde brincavam, entre árvores de um morro, escureceu, um vento forte soprou e escutaram um batido semelhante ao badalo de um sino. Achando que se tratava de chuva grossa, saíram do lugar e de fora da pequena mata avistaram um sol esplendoroso, sem marcas de chuva. Ao retornarem para casa avistaram no caminho uma mulher e, com medo, correram para casa. Ao relatar o fato aos pais, insistiu para que estes as acompanhassem ao lugar, porém, nada foi visto, tendo elas narrado que se tratava de uma mulher com vestes de noiva e que flutuava sob o chão. O cenário relatado é comum às demais aparições, possuindo o mesmo estilo plástico (ALMEIDA, 2003, p. 139).

Steil e Daniel Alves (2003, p. 175), ao narrar a aparição de Maria em Taquari, “Eu sou Nossa Senhora da Assunção”, no Rio Grande do Sul, os pesquisadores pontuam dois tempos. O primeiro, em 1944, na cidade de Erechim, e o segundo em 1988, na cidade de Taquari. A primeira, teve como partícipe a jovem Dorothea Farina, que experienciou sua primeira visão quando lavava roupa e, em outro dia, testemunhou o nascimento de uma fonte de água potável no lugar da aparição. Com o falecimento da vidente, em maio de 1988, houve um crescimento ao culto.

Em Taquari, em 1988, teria a virgem aparecido a um grupo de 14 crianças da comunidade de Rincão São José. Apesar de todas afirmarem ver a imagem, só um deles afirmava ouvir a mensagem da Santa. Ambas as aparições tiveram em comum o calendário litúrgico da Igreja, a Semana Santa (STEIL e DANIEL, 2003).

As aparições de Mercês (CAMURÇA e BARRETO, 2003, p.203), no Estado de Minas Gerais, teve início em 1979, quando Maria da Penha, em momento de oração ao Santíssimo Sacramento, ouve uma voz em seu coração dizendo que a prepararia para uma grande missão. Assustada, pede uma confirmação, então, além da voz, visualiza saindo do sacrário uma pequena fumaça que subia ao céu. Em seguida, o sacrário abre, expondo a eucaristia. A partir daí, Penha ouve as mensagens de Nossa Senhora.

Com a formação de um grupo de orações, que em torno da imagem de Nossa Senhora reza o terço, 300 pessoas começam a testemunhar lágrimas, sangue e óleo que jorram da imagem, e voz interna que anuncia as aparições para o ano de 1992, tendo alguns devotos afirmado que, em 8 de outubro de 1992, aconteceu a primeira

aparição. Durante a reza do terço, o lustre começa a balançar, a sala fica azul e o terço no quarto mistério cai das mãos de Maria da Penha que, ao soerguê-lo, sua vista se depara com “uma moça bonita, com cabelos castanhos escuros, olhos azuis e boca bem formada que falava como uma canção”. Ao perguntar quem era, teria Maria da Penha escutado: “Eu sou Maria, mãe de Jesus e sua mãe, e venho até aqui para contrabalançar o pecado da humanidade e combater o orgulho do povo mercesano” (CAMURÇA e BARRETO, 2003, p. 204).

Já em Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, na comunidade de Itaipu, outra aparição chama a atenção em razão da aproximação para com o movimento carismático, uma linha de espiritualidade pentecostal da Igreja Católica. Segundo Cecília Mariz, Ricardo, o vidente, afirma ver Jesus, porém a maior ênfase é para Nossa Senhora. Outra curiosidade é que, por ser expulso de várias paróquias, não existe uma continuidade espacial da aparição, o vidente é acompanhado pela aparição a todos os novos endereços (MARIZ, 2003.p. 235).

O início das aparições e manifestações do céu na cidade de São José dos Pinhais, no estado do Paraná, com o vidente Alceu Paz, foi registrada em 1988, com a aparição da Santíssima Virgem Maria. Em 1995, começa a ter aparições de anjos, aparições e locuções interiores com Jesus e com Nossa Senhora. No dia 09 de julho de 1996, Júnior afirmou ter a primeira aparição de Nossa Senhora com o título de Maria Rosa Mística¹⁷:

Naquele momento, pude entrar em um pedaço do Céu, senti uma grande paz, pude ver a mãe de Jesus e minha mãe." Na aparição, Nossa Senhora vestia um manto branco, tinha aproximadamente 1:60 m de altura, olhos azuis, pele aveludada como um pêsego, cabelo castanho escuro, trazia em seu peito três rosas, cuja raiz vinha de Seu coração¹⁸.

1.2 Aparição da Vila de Cimbres

Um dos mais antigos fenômenos de aparição já registrados no Brasil, a aparição de Nossa Senhora das Graças, ocorrido no ano de 1936, no vilarejo de Cimbres, no município de Pesqueira, no Estado de Pernambuco, é importante para

¹⁷ MARTINS JUNHIO, ALCEU. **O Início das Aparições e Manifestações do Céu na Cidade de São José dos Pinhais, Estado do Paraná, Brasil** Disponível em <http://www.aparicoesdemariarosamistica.com/historia.html> Acesso em 02/06/2016.

¹⁸ Idem.

as ciências da religião, visto que pontua a necessidade de se aprofundar no estudo do fenômeno mariano na sociedade atual.

Em 1940, Padre Júlio Maria escreve o livro intitulado “O Fim do Mundo está próximo? Profecias antigas e recentes”. Nele, pela primeira vez, em livro, a aparição de Cimbres recebe destaque, inclusive com a informação de que uma das videntes, “Maria da Conceição está ainda com seus pais, em casa; parece-me que **nunca mais ella viu a aparição**” (GRIFO NOSSO). (MARIA, 1940, p. 68)

Com outro olhar, no livro “História das Religiões no Brasil, Vol. 2”, Edson Silva, em artigo intitulado “Nossa mãe Tamain,” constrói a relação afetiva dos Xucuru com a devoção feminina, afirmando, com isso, a facilidade do indígena a transferir o louvor à mãe Tamain para a das Graças, num verdadeiro sincretismo religioso. Sem alterar nomes, Nossa Senhora das Montanhas/Tamain, ganha uma só identidade e sentimento de pertença, igualmente ao ocorrido no México, na aparição de Guadalupe. Para confirmar a afeição indígena a deusa mulher, Araújo transcreve um canto do Toré, dançado pelos Xucuru:

Nossa Senhora das Montanha
 É uma santa de valor
 Quem achou ela na mata
 Foi o índio caçador
 Arreia, arreia, arreia, arreia
 Oi arreeia!
 Oi, arreia, arreia, arreia
 Tamain arreia, arreia (bis)
 Vamos ver quem pode mais
 É Deus no céu e índio na Terra
 Deus no céu e índio na Terra (bis) (ARAUJO, 2002. p. 353).

“Fardados” com o *Tacó* (vestimenta de palha tradicional Xucuru), cita Edson que só os índios têm o direito de carregar o andor e tocar na imagem. Após a cerimônia religiosa católica, na Igreja, aberta ao público, os não-índios se retiram do templo, cedendo espaço para que os Xucuru dançam o toré ao redor dos bancos, entoando seus cantos ritualísticos tradicionais (SILVA, 2002, p. 356).

Não deixando de citar um dos mais importantes estudiosos sobre a religiosidade no Brasil, professor Severino Vicente, autor do artigo “As deusas do Ararobá”, que inaugurou o estudo do nosso tema pontuando a relação do lugar com povos tradicionais, este autor circula a esfera histórica da localidade, servindo-nos

como importante introdução. Porém, ao reconstruir a história a partir do diário do monsenhor José Kehrlé, na busca da compreensão, Vicente, a nosso ver, narrou um importante fenômeno ocorrido no Brasil – um dos mais antigos já registrados. Seu texto é importante para a compreensão histórica do fenômeno. Vejamos: “Vamos procurar entender esse pequeno fenômeno, que agrega pessoas e que introduz a ideia de que é possível, em terras brasileiras, uma revelação divina” (VICENTE, 2002, p. 335).

No artigo “Uma Senhora em Cimbres”, Vicente nos apresenta uma das melhores contribuições sobre o estudo de Cimbres. Relembra o fator social como causa primeira para o surgimento da aparição, pois, como afirmaram as meninas, Nossa Senhora fora invocada como aquela que protegeria elas das malvadezas de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, que andava pela região (VICENTE, 2002).

Sua narrativa nos chama a observar a imediata vestimenta da invocação “Eu sou a Graça”, destaca a mensagem da Santa que diz “Vim para avisar que hão de vir três castigos mandados por Deus” e “Diga ao povo que reze muito e faça penitência”, frases que nos faz lembrar a aparição de Fátima, em Portugal, que 19 anos antes a de Cimbres, teve o mesmo contexto messiânico. Considera ele a possibilidade da aparição de Fátima ser conhecida pelas meninas, visto que o Brasil vivia um período de renovação do catolicismo, com objetivo de se aproximar ao modelo europeu, sendo o mais importante interlocutor das meninas um beneditino de origem alemã que, sem dúvida, conhecia os fatos ocorridos em Portugal. No Brasil, a Igreja também se sentia ameaçada pela Intentona Comunista em 1935, cujo tema deveria ser abordado nos sermões, com o intuito de demonizar a ameaça. Semelhanças que não podem ser esquecidas.

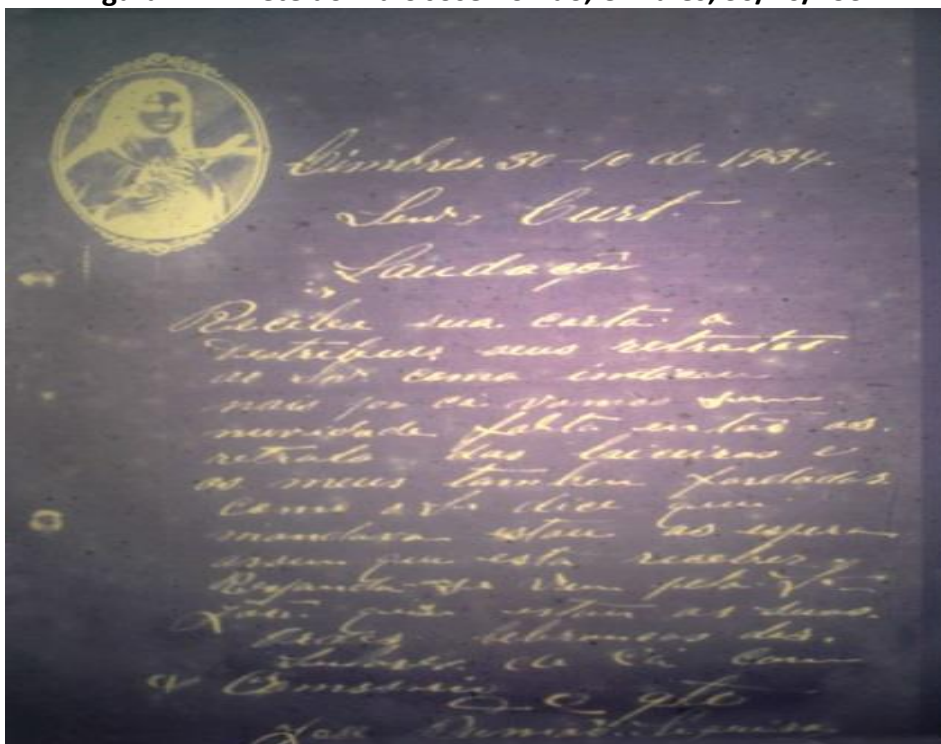
Com sua análise, Vicente acentua a negação e sufocamento da devoção por parte da hierarquia eclesiástica local, durante cinquenta anos, uma Igreja romanizada, com ambição de aproximação do Estado, “incapaz de compreender os anseios da população simples do interior” (SILVA, 2002, p. 336):

O bispo da Diocese mandara calar as meninas que teriam sido agraciadas com a aparição da Virgem, como também impedira que uma delas [Maria da Luz] fosse aceita em uma casa religiosa da cidade. Em 1986, o bispo diocesano está a celebrar com o povo o jubileu dos acontecimentos, embora ainda não tenham sido reconhecidos oficialmente (SILVA, 2002, p. 335).

Vicente acrescenta, com atualização dos fatos, quando busca nas palavras de Maria da Luz, em época irmã Adélia que, objetivando não mais falar sobre o fenômeno ocorrido em Cimbres, volta a pregar a aparição em 1985, quando diagnosticada de câncer tendo, segundo médicos, apenas três meses de vida. Com a autorização da madre superiora, irmã Adélia retorna ao lugar da aparição e a volta pregar abertamente sua história até seus 91 anos (VICENTE, 2003).

Em sua monografia de conclusão do curso de graduação em história, Araújo intitula “Entre Rosários e Cabaças: devoção e hibridismo religioso na vila de Cimbres”, sua pesquisa sobre Cimbres vai abordar o relacionamento indígena com o culto mariano, apontando para uma possível vivência pacífica entre o culto católico e a divindade Xucuru, visualizando a interação de poder da Igreja (instituição) e índios (nação), comum no olhar de Bourdieu (BORDIEU, 2010). Fator pelo qual recordamos a imagem da carta do índio José Romão Siqueira, cujo brasão é de uma devoção feminina católica, ratificando a influência devocional mariana naquela aldeia de Cimbres (ARAÚJO, 2012).

Figura 1 - Bilhete do índio José Romão, Cimbres, 30/10/1934



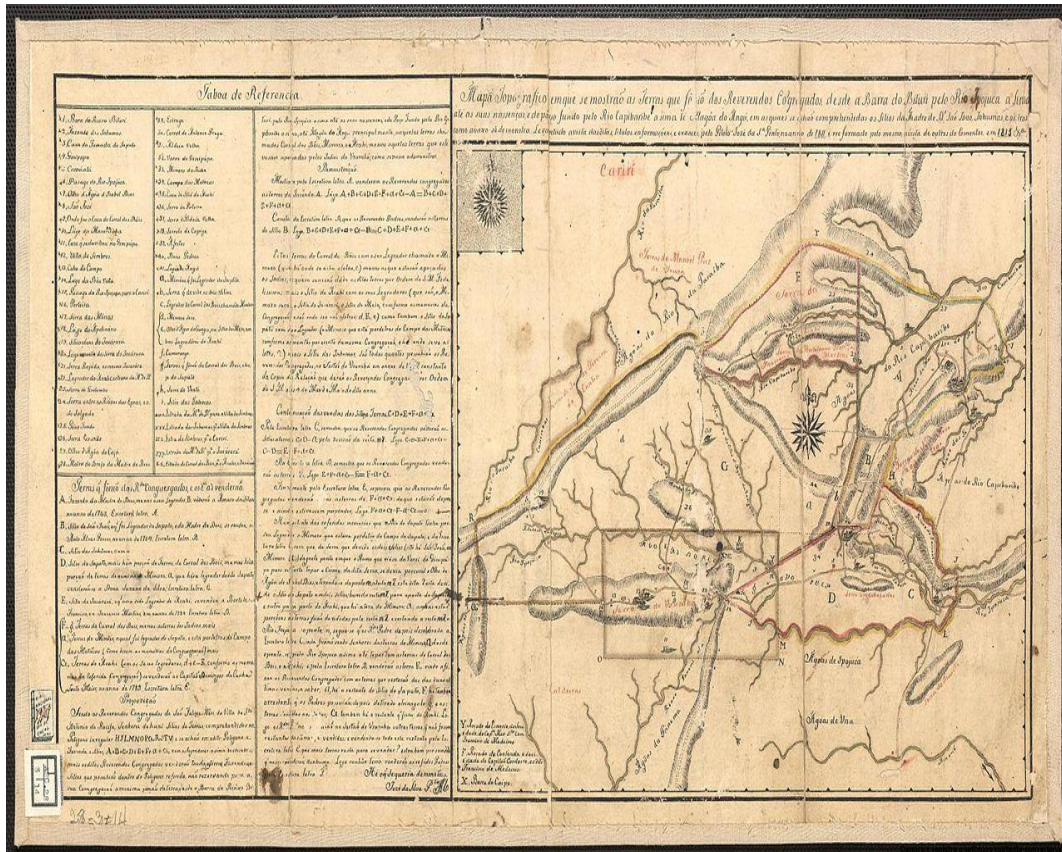
Fonte: Arquivo Curt Nimuendajú - Setor de Lingüística/Museu Nacional - RJ. Foto Gessi Stancke, julho/2003.

Contudo, é fundamental e oportuno reconstruir os primeiros passos, a partir da ocupação das terras do Ororubá por Fernandes Vieira em 4 de outubro de 1966¹⁹, o vindouro município de Pesqueira começa sua historiografia de fé envolta a presença dos índios tapuias-cariris, das tribos xucurus e paratiós. Incentivados pelo governador Brito Freire, o frade oratoriano João Duarte do Sacramento volta a subir o vale do Capibaribe, indo até o Ororubá, onde funda algumas aldeias indígenas, entre as quais, segundo Eduardo Hoornaert, Nossa Senhora das Montanhas ou aldeia do Ororubá, em 1669, que em 1762 é elevada a vila de Cimbres, dando origem ao atual município de Pesqueira:

Por permissão do proprietário das terras, a Missão do Ororubá forma-se na sesmaria de João Fernandes Vieira, compondo-se de índios lá já presentes, contudo, muitos deles fugiram para o povoado da Palmeira, atual Palmeira dos Índios, no estado de Alagoas. Desinteressado de suas terras no Ororubá, Vieira vende ao tenente-coronel Manuel da Fonseca Rego a maior parte e o restante, por esmola, doa à Congregação de São Felipe Néri, mas tarde os oratorianos adquirem as terras de Fonseca do Rego e as anexam à sua propriedade do Ororubá, batizando-a com o nome de Monte Alegre e dando permissão ao desentende do antigo vaqueiro/feitor Manuel Caldeira de edificar uma capela sob a égide de Nossa Senhora das Montanhas, transformada em matriz em 1692 (HOORNAERT, 1979, p. 50).

¹⁹ Revista do IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. . Tomo 10. P. 159-160. Disponível em <https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb.html> Acesso em 10/04/2016.

Figura 2 - Terra dos índios na Serra do Ororubá



Fonte: Congregação do Oratório em 1813. Mapa: José da Costa Pinto

Outrora, um povoado denominado de Ararobá e, em 1762, chamado de Monte Alegre, perde o nome, novamente, quando em sua sede é instalada a vila de Cimbres, em cujo território municipal, entre fins do século XVIII e começo do XIX, em sítio ao sopé da serra, dado como dote de casamento pelo capitão-mor Antônio dos Santos Coelho da Silva ao capitão-comandante do Moxotó, Manuel José de Siqueira, é construída, por iniciativa deste sertanejo, uma povoação que se torna, em 1836, a sede do município com o nome de Pesqueira, em lembrança a existência da fazenda Poço da Pesqueiro, local utilizado por muitos para pescaria (MARQUES, 2013).

De acordo com Pierre Bourdieu, uma região é estigmatizada por outra quando existe uma distância econômica e social (e não geográfica) entre a “província” (privada do capital material e simbólico) e o “centro” (detentor desse capital). Nesse sentido, as classificações de região (régio) e suas fronteiras (fines) não passam de atos de autoridade, de uma imposição arbitrária que tem força de lei, que separa o

interior do exterior e circunscreve o território, que impõem a “definição legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o princípio de divisão do mundo social” (BORDIEU, 2010).

Frölich vai dizer que os diferentes tipos de práticas religiosas, muitas vezes, são usadas para medir o grau de pertença, pois pertença a uma religião pode ser vista como adesão subjetiva de um sistema simbólico de normas e de crenças e não como a estrita obediência a um conjunto de mandamentos (FRÖLICH, 2002, p. 29), de forma que a pertença religiosa, um bem imaterial, por analogia, ao que Bourdieu nos fala, a religiosidade popular não é amarrada por fronteira ideológica, territorial, mas um ato voluntário daquele que pratica a fé.

O Nordeste do Brasil sempre foi terra fértil para a Igreja, talvez em razão da origem simples do sertanejo, que se caracteriza por sua religiosidade singela tendente ao messianismo fanático, diz Darcy Ribeiro (RIBEIRO, 1995).

A provável tendência e predisposição do povo nordestino para a devoção é vista anterior à aparição de Cimbres, em 1800, quando no município de Sobral, Ceará, surge o padre José Antônio Pereira Ibiapina, sobre ele afirmou Gilberto Freyre:

[...] Ibiapina foi realmente uma enorme força moral a serviço da Igreja e do Brasil. [...] exemplos como o do padre Ibiapina – que, sozinho, fundou e organizou vinte casas de caridade nos sertões do Nordeste – se impõem aos brasileiros como grandes valores (FREYRE, 1980, p. 354).

Ibiapina deu os primeiros passos para que outros, em nome da fé, semeassem o sertão com esperança de redenção na vida futura.

No século XIX, com Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como Antônio Conselheiro, em Canudos, interior da Bahia, com espírito messiânico, moralista e sonhador, cujos passos são dedicados para a construção de açudes, canais de irrigação, muros de cemitérios, poços profundos e, principalmente, igrejas. Sua capacidade de sonhar alimenta o sertanejo que começa a lhe seguir e depositar nele a esperança redentora – relatada em suas prédicas, que se amarra em torno do ato de rezar e cantar ladainhas com ele.

Nesse relato histórico da época, impossível deixar de atentar e de frisar alguns acontecimentos sociais bastantes relevantes ocorridos, na geografia

nordestina, tendo como exemplo, a guerra de Canudos que durou de 1896 a 1897, a morte do padre Cícero, em Juazeiro do Norte, sertão do Ceará, em 1934, e o auge da atuação do famoso cangaceiro Lampião, nos sertões nordestinos.

Acreditamos na afirmativa de Evans-Pritchard, de que não é possível analisar a crença sem analisar as relações históricas, de modo que, a partir dessa visão, é possível conhecer valiosíssimos dados para um conhecimento mais amplo. Afinal, para este pesquisador, os fundamentos psicológicos fazem parte da construção do fenômeno religioso, posto que o cenário social seja um elemento de influência do acontecimento religioso.

1.3 O milagre da fé: a construção de uma história

A historiografia pernambucana ainda encontra-se na fase das pesquisas exploratórias relativas ao fenômeno da aparição de Nossa Senhora, na Serra do Ororubá, em Cimbres, no ano de 1936. Assim, é possível apenas encontrar registros da ocupação histórica da localidade e sua evolução.

Sobre o fenômeno, os escritos do frei franciscano Estevão Rottger, que acompanhou monsenhor José Kehrlé na época da aparição é, sem dúvida, o mais importante registro, inclusive por ter sido escrito na mesma época do fato ocorrido, esse fator nos leva a crer na precisão dos relatos e a confirmar no detalhamento apresentando (PAIVA, 1987).

Em único trecho do diário do Frei Estevão, que se distingue dos escritos do Padre Kehrlé, trata-se das “provas” de que realmente as videntes falavam com Nossa Senhora. A narrativa das perguntas visa atestar a veracidade da aparição e sua conformidade para com a doutrina católica, descartando o pensamento demoníaco que pudesse ter. Relato do padre Kehrlé:

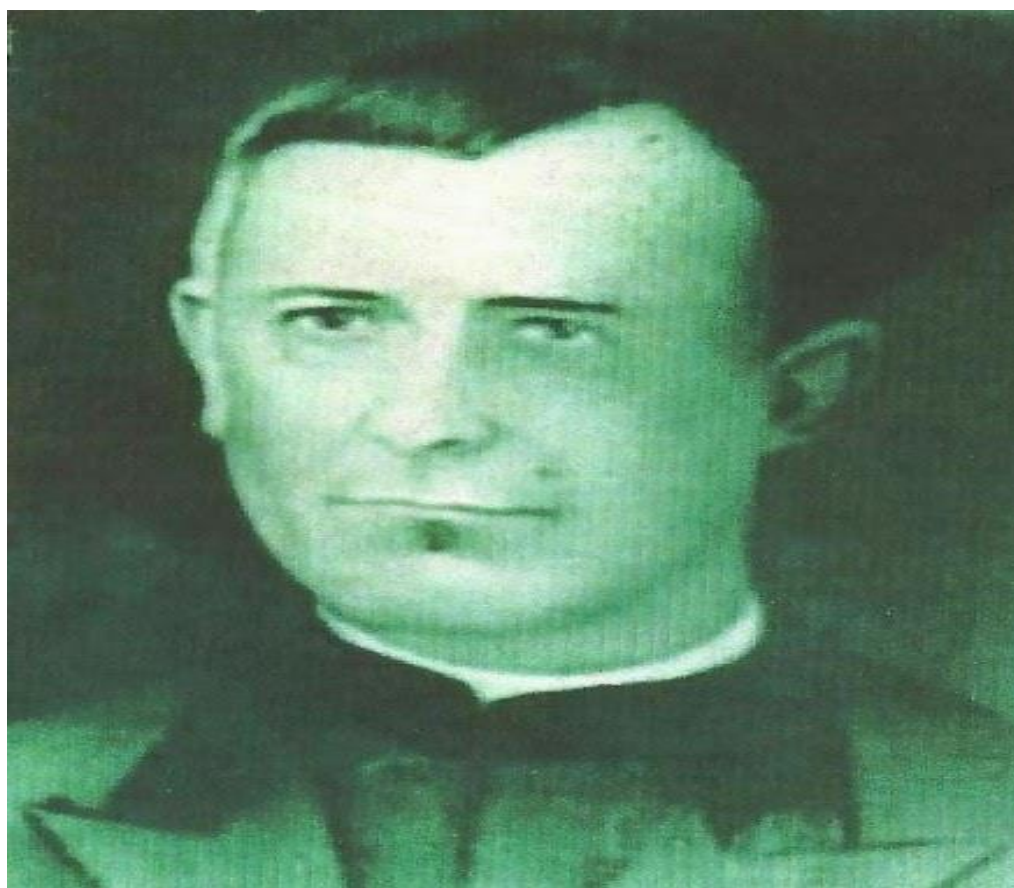
(...) Com a aglomeração do povo era enorme e só dificilmente podia obter-se a retirada do mesmo o sr. José Farias de Pesqueira me disse. Seria bom fazer alguma pergunta pelo qual demonstrasse si a menina diz a verdade. Pedi-lhe então que tal fizesse. Ele perguntou: Fulana de tal que viajou para Recife está viva ou morta? A menina olhou para a imagem e respondeu: viva. – Segreamente Farias me deu a entender que já estava morta. Mas dei que fizesse outra pergunta e o mesmo José Farias perguntou: Fulana de tal que está no Rio está viva ou morta? Respondeu: Viva. Novamente José Farias me fez

entender que fulana estava morta, porém, sem a menina ver ou ouvir qualquer coisa. Perguntei em alemão dizendo a Maria da Luz que prestasse bem atenção o que a imagem diziam pois ia fazer algumas perguntas sobre a guerra e perguntei (em alemão) como se entende a resposta de serem estas duas pessoas vivas em quanto já morreram faz dias? Imediatamente a menina respondeu: Porque já estão na glória (PAIVA, 1987. p. 52).

Todas as demais publicações utilizam o Diário de Frei Rottger como fonte primária. Ainda, não podemos deixar de registrar o momento inaugural em que a Igreja, representada pelos religiosos citados, munidos de autoridade episcopal para investigar o caso, cria uma metodologia de investigação, produzindo perguntas, inclusive em outros idiomas e questionamentos direcionados a Virgem, afirma o beneditino Rafael Maria em entrevista.

A partir de sua convicção da veracidade da aparição de Nossa Senhora das Graças, Padre Kehrlé se dedica a construir o enredo da aparição, porém, é frei Rottger que organiza sistematicamente o que viria a ser o Diário da Aparição.

Figura 3 – Padre José Kehrlé. Nascido em 1891, em Wurtemberg, Alemanha



Fonte: Arquivo Mosteiro de São Bento de Olinda

Outra abordagem sobre a aparição de Cimbres, de cunho teológico, é a construída pelo monge beneditino dom Rafael Maria que, em seus recentes escritos, afirma que a presença da Virgem na Serra do Ororubá ficou assinalada pela «Fonte/Água», uma referência aos episódios bíblicos, sinal da presença de Deus na história da salvação, algo distante do nosso objetivo científico. Dom Rafael pontua ainda a importância de se estudar os arquivos da Congregação Oratoriana que, anterior a aparição, ocupou a localidade²⁰, lembrando que, em relato das videntes, em determinada aparição, teria a imagem de Nossa Senhora surgido em um oratório.

Independente do prisma de como estudamos o fenômeno de Cimbres e como ele se manifesta através do tempo, a aparição de Nossa Senhora das Graças, em Cimbres, é de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, seja no aspecto devocional, histórico, antropológico e das ciências da religião. Dessa forma, um outro milagre, no dizer acadêmico, proporcionado pela aparição tenha sido o despertar para o estudo das ciências da religião, em particular, como instrumento fundamental de conhecimento da natureza humana, na sua potencialidade para adesão ao divino.

1.4 As aparições e seu Capital Simbólico

A partir do fenômeno das aparições, a devoção mariana assume um capital simbólico gigantesco, posto que é possível, com muita facilidade, encontrar nas narrativas cotidianas, independentemente de classes sociais, a partir do diário de Kehrlé, a compreensão da hierarquia da Igreja durante o fenômeno de Cimbres, visto que este era também tido como prejudicial à romanização promovida pela Igreja naquela época. Vale ressaltar que, a partir do fenômeno, se iniciou uma inversão da administração do sagrado e seus agentes.

Ao nosso entender, para a Igreja, o fenômeno da aparição de Cimbres, bem como de figuras messiânicas, vinha como um acontecimento prejudicial à proposta romanizadora da hierarquia religiosa, iniciada a partir do século XIX, como bem aborda Della Cava no livro “Milagres em Joaseiro”, primeiro por ir à contramão da

²⁰ Dom Rafael, doutor em mariologia e pertencente ao mosteiro de São Bento de Olinda, que durante minha pesquisa concedeu-me diversas entrevistas, ficando aqui registrado minha gratidão pela contribuição.

intenção de firmar Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil e, segundo, por propiciar a administração do sagrado para as mãos simples do homem roseiro da localidade, fomentando, com isso, o sagrado popular e promovendo o imaginário popular comparável às crenças antigas das forças divinas exercidas na natureza.

Severino Vicente vai também lembrar que a negativa da Igreja em reconhecer Cimbres tem como base a tentativa da Igreja em promover uma reforma das práticas religiosas, restaurando o celibato, substituindo antigas devoções e romanizar o catolicismo popular (VICENTE, 2003, p. 82).

Nesse raciocínio, lembramos Bourdieu (2010), em seu conceito de capital simbólico, afirmando: O capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo de óbvio.

Com o exposto, podemos perceber a longa duração do fenômeno das aparições marianas na história da Igreja Católica Apostólica Romana, suas características e similar metodologia fenomenológica que circulam entre si, sendo a da Cimbres uma continuidade de um fenômeno religioso nascedouro de uma Igreja universal. Cimbres, por sua antiguidade inaugura, no maior país católico do mundo, o registro de uma aparição mariana, com elementos semelhantes a outros ocorridos no devir histórico, daí julgamos a importância dos trabalhos anteriores ao nosso em mapear o fenômeno da aparição e apresentá-lo à academia, assim, nossa pesquisa busca implementar com novo olhar, o da Ciências da religião.

A partir do que foi apresentando, o capítulo seguinte é um mergulho ao fenômeno, onde toda construção textual acontece a partir da fonte primária, sendo nosso objetivo apresentar o fenômeno não só para os conhecedores da temática, mais principalmente apresentá-la ao novo leitor.

CAPÍTULO II - EU SOU A GRAÇA

É possível que os autores Ivone Paiva (1987), Severino Vicente (2002) e Ana Lira (2015), que estudaram o fenômeno da aparição de Cimbres, caminhem na mesma narrativa no que dizem sobre o roteiro da aparição, pois todos utilizam como base os textos do Padre José Kehrlé e Frei Estevão, cujo cenário, inicialmente, é o terror causado pelo bando de Lampião. Diz Ivone Paiva em seu livro:

Vem Lampião aproximando-se de Pernambuco, lembra Irmã Adélia (Maria da Luz). O povo, amedrontado, clama por misericórdia, pois ele costumava mandar recados para os fazendeiros que iria atacar. Meu Deus, não havia mais sossego! As famílias deixavam suas casas e iam dormir nas matas, refugiando-se nas bandeiras verdes. Da Paraíba, chegava notícia de sete mortes, pois, quando não encontravam o dinheiro exigido, só se satisfaziam com a vida da população pacífica (PAIVA, 1987, p. 23).

No começo do ano de 1936, as manchetes dos jornais noticiavam o constante crescimento dos cangaceiros em todo nordeste, causando uma enorme insegurança entre a população, dado o estilo agressor de Lampião e seu bando. No mês de abril daquele ano, Paiva (1987) relata que houve muita preocupação e insegurança com a chegada da notícia de que Lampião estava se dirigindo a Vila de Cimbres. O povo piedoso clamava pela Mãe de Deus, pedindo socorro.

Aterrorizados com a invasão, D. Auta, mãe de Maria da Luz, levou os filhos para se refugiar nas matas do Sítio Guarda, lugar bem acidentado e cheio de pedras. Passaram três dias de julho ali escondidos, onde fizeram um altar e colocaram uma imagem de Nossa Senhora das Montanhas, e rezavam para que a Virgem os protegesse. Assustada com alguns barulhos, Maria da Luz caiu sob o irmão pequeno, Lídio que, mais tarde, viria a adoecer, forçando-os a retornar para sua casa. Lá tiveram a notícia de que Lampião havia se distanciado do lugar. Lídio, apesar de levado várias vezes ao médico, pelo pai, Sr. Artur, faleceu (PAIVA, 1987).

O encontro de Maria da Luz com Maria da Conceição, a segunda vidente, ocorrera em julho de 1936, quando o Sr. Artur foi à Fazenda Fundão plantar milho e feijão, levando consigo a filha Maria da Luz. No caminho, avistaram uma pequena

casa de aparência pobre, só coberta de um lado e tendo a sua frente à menina Maria da Conceição, com quem Maria da Luz fez amizade e a convidou a morar consigo no Sítio Guarda, em sua casa, o que foi aceito (PAIVA, 1987).

Figura 4 - Maria da Conceição



Fonte: Google

Figura 5 - Maria da Conceição e Maria da Luz



Fonte: Google

Figura 6 – Maria da Luz

Fonte: Fundação Nossa Senhora de Cimbres

Próximo ao dia de São Miguel, como era de costume, o Sr. Artur descia a serra para comprar em Pesqueira tecido para vestir com roupas novas as crianças, para irem à festa. Porém, com a colheita da lavoura fraca, não era possível fazer despesas extras. Na quarta-feira, dia 6 de agosto, data comemorativa da

Transfiguração do Senhor, Maria da Luz e Maria da Conceição pegaram um balaio e foram colher e quebrar cachos de mamonas para que o dinheiro ajudasse na compra dos tecidos, afirma Ione Paiva (1987).

Durante a colheita, Lígia Lira afirma que as meninas, entre si, se perguntaram o que fariam caso os cangaceiros ali surgissem. Maria da Luz respondeu:

Creio que nós (meus pais, meu irmão e eu) faríamos a mesma coisa que fizemos no mês de maio, quando estes homens temíveis e malvados passaram pelos sítios. Levaríamos numa cuia uma estampa de N. Senhora, enfeitada em redor com flores e o nosso livrinho de orações e faríamos outra vez a nossa devoção ao ar livre, escondidos dentro dos rochedos, e estou certa, Nossa Senhora havia de nos proteger! (LIRA, 2015, p. 22)

A partir dessa narrativa, citam Paiva (1987), que Maria da Luz levantou a cabeça para o alto e viu diante de si uma parede formada de um rochedo e nela uma figura luminosa vestida de branco, dizendo a menina “parece que lá está Ela, para já nos proteger!” Maria da Conceição também viu a Santa, não se afirmando naquela época de se tratar de uma aparição.

Na cronologia das aparições, desenvolvido pelo monge beneditino Dom Rafael Maria²¹, a partir dos manuscritos do padre José Kehrlé e frei Estevão Rottinger, esta aparição é relatada com a presença do Menino Jesus.

Já na narrativa de Paiva (1987), alguns fatos cenográficos divergem dos autores seguintes a ela. O texto de Paiva se apresenta com elementos visivelmente devocionais, inclusive com certas semelhanças com o ocorrido na aparição de Fátima, em Portugal. Vejamos:

Nesse momento, começou a cair uma chuva fininha e, de repente, um relâmpago rasgou o céu com enorme clarão em direção ao monte. Olhando para aquela direção, Maria da Conceição ficou, por um momento, surpreendida. Parecia ver no alto da serra uma imagem de mulher com uma criança que lhe fazia sinais com a mão (PAIVA, 1987, p. 27/28).

²¹ MARIA, Rafael Francisco da Silva. **Quem Viu o Cristo Ressuscitado?** Maria Madalena ou a Virgem Maria? A tradição dá a resposta. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2015, p. 59.

Chegando a casa, teria a mãe questionado o atraso delas para o almoço. Em um banco do lado de fora da residência, teria a mãe ouvido as meninas dizerem “depois vamos de novo para ver outra vez a Santa bonita e ouvir o que vai nos dizer” (PAIVA, 1987, p. 27/28). Ao escutar a conversa, a mãe indagou as meninas sobre o que teria ocorrido.

Em obediência, Maria da Luz contou o ocorrido, afirmando a mãe que aquilo se tratava de imaginação e ilusão delas, retrucando as meninas em dizer que se tratava de verdade e que não mentiam.

Após o almoço, a mãe de Maria da Luz mandou, de novo, as meninas para colher mamonas, seguindo atrás sem o conhecimento delas. Logo ao chegar, teriam as meninas novamente avistado a “santa” e logo começaram a falar. Ao presenciar o acontecido, a mãe interrogou o que estava acontecendo e afirmava que aquilo se tratava de “ilusão de suas cabeças”, “Eu não vejo nem ouço nada!”, respondendo as meninas que se tratava de verdade e que não estavam mentindo. Teria então a mãe perguntado, a título de confirmação: “se Lídio deu recado?” veio da parte da “santa” pela boca das meninas a resposta: “sim, e estou aqui para consolar-vos!”, impressionada, a mãe calou-se e ajudou as meninas na colheita e retirou-se para casa. Esta teria sido a segunda “aparição” (LIRA, 2015, p. 23).

Já Quérette (2007, p. 35), descreve o parágrafo acima como tendo sido o pai, Sr. Artur, a testemunhar o acontecido e não a mãe, tendo no texto dela a afirmação da aparição da Santa com uma criança nos braços. Sr. Artur pediu à filha que perguntasse à imagem quem era ela, ao que foi respondido “Eu sou a Graça”.

Paiva (1987) afirma que, na presença do Sr. Artur, acontece o primeiro milagre, sendo por nós entendido que o fato narrado trata-se de uma provocação para que o pai, naquele momento, pedisse à filha que indagasse quem estava ali presente, vindo a resposta “Eu sou a Graça”. Foi o milagre:

De repente, ouviu-se um barulho e uma pedra enorme começou a rolar do ponto mais alto do monte, vindo em direção deles. Este foi o primeiro sinal dado para o Senhor Arthur ficar acreditando. Disse depois ele: “Aqui tem alguma coisa de extraordinário, porque não é possível que uma pedra de tamanho tão grande e vinda lá de cima rolando não caísse onde nós estávamos. A pedra voou e jogou-se por cima de nós e foi cair lá em baixo. Só por um milagre não matou nós”. Este foi, portanto, o primeiro milagre acontecido no Guarda (PAIVA, 1987, p. 29).

Espalhada a notícia, começaram a vir de vários lugares da cidade homens e mulheres para conhecer o acontecido, iam até o lugar exato da aparição, mas ninguém via nem ouvia nada, contudo, continuava o lugar a se tornar local de peregrinação, onde as meninas tinham a visão da “santa” diariamente.

A cronologia das aparições, construídas por Dom Rafael Maria (2016), cita uma terceira e quarta aparição, nos dias seguintes (07 e 08), porém sem narração. É citada a presença de várias pessoas da comunidade que rezam e cantam hinos religiosos. No dia 09, “um menino joga uma pedra e a mão da virgem sangra”, e as meninas pedem um sinal para que se acredite nas aparições, tendo a santa dito “vou fazer aparecer água no pé desta pedra como sinal”. Por nada ocorrer, foram chamadas de mentirosas, porém, no dia seguinte (10), ao visitar novamente o lugar da aparição, apontam um lugar onde, numa cavidade da pedra, brota água, visando demonstrar a veracidade de sua presença. Perguntada, teria a santa respondido “para curar as doenças”, sendo ainda visto por todos os presentes dois rastros, sendo um de “mulher” e outro de “menino pequeno”, ambos encravados na pedra-rocha, sendo dito pela santa “um dos rastros é meu e outro do meu Filho”. Descreve ainda as videntes:

Por trás da imagem se encontra uma espécie de santuário com duas portinhas e uma janela, todo cheio de pedras fulgurantes e brilhantes e que a imagem à vezes se retira nele e se mostra triste quando certas pessoas de maus costumes se aproximam (PAIVA, 1987, p. 31).

Não há registro do período de 11 a 14 como tido aparições.

Em 12 de agosto, Lira (2015, p. 24), relata que “vieram uns homens idosos, calmos e criteriosos, da Serra de Cimbres, trazendo a notícia da aparição de uma ‘santa’ ao Vigário de Pesqueira, padre Manoel Marques, para ouvir a opinião dele”. O Vigário teria dito aos homens que o pai deveria levar as crianças para um retiro que as Filhas de Maria estavam fazendo na Catedral, como preparação à festa de Assunção de Nossa Senhora, no dia 15 de agosto. Na data marcada, teria o Sr. Artur levado somente à filha Maria da Luz, visto que a outra menina, Maria da Conceição, era tida como “acanhada e atrasada e não quis”.

No dia 15, ao relatar o fato a Dom Adalberto Palmeira, o bispo ouviu o que tinham a dizer e designou seu secretário, padre Kehrlé, para que cuidasse do assunto.

Quérette (2007, p. 36), considera que, a partir deste momento, dá-se início ao período de pressões da Diocese e da polícia, visto que a aparição poderia transformar o lugar em ponto de fanatismo. A partir deste momento, a Igreja buscava restringir o acesso ao sagrado, sendo somente ela a detentora da manifestação do divino, uma posição que se veste da teoria de Bourdieu (1987), quando afirma que a sociedade é erguida por classes em constantes disputas pelos capitais sociais, pois demonstra que a Igreja controlava as manifestações religiosas (um capital simbólico), buscando manter o controle e a hegemonia, bem comum do que Bourdieu vai chamar de Capital Simbólico – que venha impor os valores da Religião.

Não acreditando, Padre Kehrlé pede ao Sr. Artur que proíba o acesso ao lugar, visando evitar a presença de romeiros que venham causar fanatismo, mas pede para que as meninas, sozinhas, vão ao lugar da aparição para fazerem algumas perguntas a santa, que lhe eram entregues naquele momento por escrito.

Após dois dias, retorna o Sr. Artur, com a carta da filha, em que nela consta as respostas da santa destina ao Padre Kehrlé:

- Quem pode mais do que Deus? Ninguém.
- Quantas pessoas há em Deus? Três.
- Quais são as pessoas da Santíssima Trindade? Pai, Filho e Espírito Santo.
- Quem é e o que quer? Eu sou a Graça
- O que significa o sangue em sua mão? É o sangue que vai derramar-se no Brasil. Minha filha, diga ao povo que reze muito, porque hão de vir três castigos.
- Quer falar com algum padre? Sim
- Com qual padre quer falar? Com aquele que escreveu as perguntas (PAIVA, 1987, p.32).

Nos dias 16 a 19, não há narração.

Dia 20, Padre Kehrlé vai até o Sítio Guarda, ao encontro das meninas, e de lá seguem para o lugar das aparições. Com ele, um questionário com 123 perguntas. Ao chegarem, as meninas disseram “Olhe...Ela está na porta e está nos abençoando”. Padre Kehrlé vai dizer em seu diário que teve um sentimento singular,

porém, não avistou nenhuma imagem. Kehrlé descreve, em seu diário, aproveitado por Paiva:

Um local mais alvo do que os lugares vizinhos, parecendo assim com uma toalha branca estendida entre as pedras. Ao lado direito, dois números como se fossem 11, e ao lado esquerdo um número como 4, porém feito pela natureza, abaixo da pedra uma pequena gruta e, ao pé desta, um lugar molhado d'água (PAIVA, 1987, p. 33).

Kehrlé (PAIVA, 1987) pede ao Sr. Artur que se afaste, como também Maria da Conceição, para que ele possa fazer perguntas, separadamente, às meninas sem uma ouvir a outra. A partir desse momento, o religioso inicia o processo de investigação da veracidade da aparição. Na primeira pergunta dirigida a Maria da Luz, ele pergunta se a menina vê Nossa Senhora e ela responde “Vejo-a aqui”, apontando para o lugar mais alvo. Responde Kehrlé: “Pois, peço-lhe em nome de Nossa Senhora que me diga apenas a verdade e não minta. Como é a figura de Nossa Senhora que você vê?”. Maria da Luz diz:

Ela é semelhante a Nossa Senhora do Carmo da Catedral de Pesqueira, porém o manto azul e o vestido creme e tem uma faixa creme. Tem um menino no braço esquerdo e ambos tem uma coroa muito bonita na cabeça. Vejo o pezinho dela e o menino está com braço no pescoço dela (PAIVA, 1987, p. 34).

Em seguida, o religioso fez descer Maria da Luz e chamou Maria da Conceição, dizendo Maria da Luz as mesmas afirmações ditas por Maria da Luz, sem diferença nenhuma. Visando provocar a verdade, Kehrlé diz a Maria da Conceição que a outra menina teria visto Nossa Senhora em local oposto ao dito por ela, recebendo de Maria da Conceição a resposta: “Se ela vê a imagem daquele lado, não sei, eu vejo aqui como lhe disse. Lá eu não vejo” (PAIVA, 1987).

O enredo de suas indagações foi fundamental para o conhecimento da aparição e de uma melhor aceitação da hierarquia atual da Igreja, que compreende as respostas como sendo teológicas, apesar de fomentar apenas o aspecto pastoral e a oportunidade econômica que o local da aparição proporciona.

Chamando Maria da Luz, Kehrlé continua com seu questionário, perguntando o nome da imagem. Maria da Luz perguntou: “A Senhora se chama?” tendo ela respondido: “que era a Graça”. Continuou, “ela está triste?”, respondendo as meninas que “ela está rindo e parece muito satisfeita”. Perguntado se a imagem via o padre, foi respondido que sim, perguntando o padre se poderia fazer perguntas em outro idioma, as meninas responderam que ela tinha dito que sim. No mesmo momento, as duas meninas teriam afirmado que Nossa Senhora e o menino estavam rindo muito.

A continuação do questionário partiu em latim e alemão, sendo explorado pelo religioso os aspectos mariológicos e teológicos trabalhados mais recentemente pelo beneditino Rafael Maria. Com simples perguntas, Kehrlé vai confrontando a aparição com a doutrina católica, iniciando com o que a doutrina da Assunção, pois faz ele a seguinte pergunta: “a imagem é uma alma ou é Nossa Senhora?”, tendo como resposta: “Mãe do Céu”. Segue as perguntas:

Tu és a Mãe da Divina Graça? SOU
 Como é o nome de teu menino? JESUS
 Qual a finalidade de tua estadia aqui? FOI JESUS QUEM ME MANDOU
 Para que ele te mandou? PARA DIZER QUE VIRIAM TEMPOS SÉRIOS
 Então tua aparição aqui é a repetição de La Salette? SIM
 Quais são estas três coisas? Deu com a mão como um sinal de que quisesse ou não pudesse dizer
 Estas coisas acontecerão logo? NÃO
 Ainda este ano? NÃO
 Acontecerão no ano vindouro? Nada respondeu e deu um sinal com a mão como se não soubesse ou não quisesse dizer
 O comunismo virá para o Brasil? SIM
 Também virá para o sertão? NÃO
 Virá para Pesqueira? NÃO
 Virá às capitais? SIM
 Virá a todas as capitais? SIM
 Os padres e os bispos vão sofrer muito? SIM
 Será como na Espanha? QUASE
 Que devemos fazer para evitar este castigo? REZAR MUITO E FAZER PENITÊNCIA
 Quer que se pregue sobre esse assunto? OH! Sim
 Mas as autoridades eclesíásticas não consentirão? Nada respondeu e fez sinal com a mão como se não quisesse dizer nada
 Quer que eu diga isso ao senhor bispo? SIM
 Que significa esta água aqui em baixo? É SINAL QUE EU DEI

Para que serve está água? PARA REMÉDIO
 Servirá para todas as doenças? SE TIVEREM FÉ
 Todo mundo pode tomar desta água? SIM
 Quem deve tirar a água? AS MENINAS
 Quer que esta aparição seja divulgada? SIM
 E para que quer que seja divulgada? PARA O POVO REZAR E
 FAZER PENITENCIA
 Qual a devoção que quer que façamos? AO CORAÇÃO DE
 JESUS E A MIM (PAIVA, 1987, p. 37).

Oportunamente, lembramos que a devoção ao Coração de Jesus vai se instalar no Brasil com objetivo de “romanização” da Igreja, conforme relata Cava (2014,57), sendo de grande devoção da Europa, principalmente na França de La Salette.

Continua Kehrlé:

A presente aparição não é Nossa Senhora das Montanhas? DA GRAÇA.
 Quanto tempo ainda há de ficar aqui? Mostrou cinco dedos da mão.
 Que significa estes 11 nas pedras aqui do lado? DOIS SÉCULOS.
 O que significa o 4 deste lado? Levantou o dedo e a vista para cima.
 Sabe que eu celebrei a Santa Missa hoje? SIM
 Seu filho está satisfeito comigo? A menina gritou repentinamente: “olhe, agora vejo a mão do menino. Ele está rindo-se muito e estende ambas as mãos para o senhor”.
 Dê-nos a bênção (e ambas fazem o sinal da cruz).
 Diga a seu filho que nos dê a bênção também.
 Repentinamente, Maria da concepção disse “Olhe, parece que o menino também sabe dar a bênção”. E ambas disseram logo: “O menino também nos está abençoando”, fazendo ambas novamente o “pelo sinal”.
 Quer, então, que eu pregue sobre esta aparição? SIM
 Quer que se pregue a devoção ao Sagrado Coração de Jesus? SIM
 E a devoção a Nossa Senhora? Também
 Que quer do povo? QUE REZE E FAÇA PENITÊNCIA
 Quer que eu volte outro dia a este lugar? Deu com a mão um sinal como se disse: “se quiser”
 Quer que eu escreva o que ouvir? SIM. (PAIVA, 1987, P.39).

Padre Kehrlé, em seu diário, diz que fez diversas outras perguntas pessoais, também em latim e alemão, tendo a santa respondido a todas, porém, no fim, teria dito a santa que não dissesse a ninguém, pois seria a realização das mesmas uma prova, para ele, da veracidade da aparição. Tendo o religioso em diário afirmado que tudo se realizou.

Seguindo com o interrogatório, padre Kehrlé:

Esta satisfeita com a minha vinda? MUITO

Como posso pregar esta aparição e estas ordens sem autorização e sem permissão das autoridades eclesiásticas? Fez o sinal com a mão como se não quisesse dizer.

Mais tarde, as autoridades eclesiásticas permitirão a pregação? SIM

Pode-se dar água desta fonte aos doentes? SIM

Esta água aqui é realmente um sinal dado pela Senhora? SIM

Que qualquer outra coisa ainda de mim? Fez um sinal como se não quisesse dizer

Quer que eu celebre algumas missas? Fez o mesmo sinal com a mão.

Quer que rezemos a Deus? SIM

Por que apareceu aqui e não mais perto de Pesqueira? DEUS O QUIS

Aqui será, um dia, lugar de devoção? SIM

Quer que se faça uma Capela? NÃO

Mais tarde, será bom fazer uma capelinha? SIM

Está satisfeita comigo? SIM

Quer que eu venha outro dia a este lugar? Fez com a mão um sinal como se não quisesse dizer.

Quer que venha com qualquer outro padre visita-la aqui? Fez o mesmo sinal

Que significa o sinal que deu com o dedo e a vista para cima quando lhe perguntei sobre o 4 na pedra de lado? Deu novamente o sinal com o dedo e a vista para cima.

Mais tarde poderá dizer o que significa o 4? SIM

Quer que o povo venha aqui rezar? SIM

Quer que os amancebados também venham? NÃO

Que significa o sangue em sua mão que agora desapareceu? O SANGUE QUE HÁ DE CORRER NO BRASIL

A perseguição da Igreja será grande? SIM

A perseguição será em todo Brasil? SIM

A Igreja será vencida pelo inimigo? NÃO

O atual governo cairá? Deu com a mão, como se não quisesse dizer.

Quer que se avise estas ao Brasil todo? SIM

Em La Salette, Nossa Senhora dizia que os castigos haviam de vir, por que não diz aqui também? Fez com a mão um sinal, como se não quisesse dizer.

Quer que faça a inovação sob o título de Nossa Senhora das graças? SIM
 E se as autoridades eclesiais não acreditarem? Fez com a mão um sinal, como se não quisesse dizer.
 Existe alguma imagem semelhante à aparição daqui? SIM
 Onde está a imagem? EM PESQUEIRA
 Na Catedral? SIM
 Em que altar? NO TERCEIRO (PAIVA, 1987, p. 42).

Padre Kehrlé volta a fazer perguntas pessoais, sempre em outras línguas, que não o português. Tendo as meninas dito que a santa passou a mão na cabeça, quase derrubando a coroa...“Olhe como ela está endireitando a coroa!”. Kehrlé continuando, pontuou: acha que esta aparição ainda me fará sofrer muito? Sendo-lhe respondido: “Foi”. De imediato, o religioso indagou: “como pode ser isto? E as meninas repetiram o que ela teria dito: “Foi”. Em seguida, caiu em oração: mãe de Deus, se é a Senhora que fala, dê-me um sinal de que esta aparição é de veras uma realidade. Respondeu: A SUA NOMEAÇÃO, seguindo todos em pequenos comentários irrelevantes e de bênçãos.

Crente da veracidade dos fatos, padre Kehrlé retorna a cúria diocesana e, no mesmo dia, recebe Frei Estevão, da cura de Alagoinhas, após despachos administrativos daquela paróquia, Kehrlé relata os acontecimentos ao frade, dizendo que escrevera tudo à máquina e entregava-lhe uma duplicata para que lesse no convento com mais calma, pedindo que desse sua opinião depois. Afirmando o franciscano que “se tudo o que o contou é verdade e real, então parece que é Nossa Senhora que se manifestou”, contando-lhe também que, na festa da Assunção de Nossa Senhora, alguns homens de idade, de Cimbres, já lhe tinham contato da aparição.

Ainda no diálogo entre padre Kehrlé e frei Estevão, aponta Lira (2015, p. 40), que os religiosos, buscando um entendimento acerca da veracidade da aparição a partir da doutrina católica, posto que a aparição de Cimbres se utilizava da expressão “Graça”, tendo essa expressão grande significado teológico para a Igreja, pontuaram a similaridade para com o fenômeno de Lourdes, finalizando o diálogo com a decisão de manter o assunto em “muita reserva”.

No dia 21, teria havido a 18ª aparição, porém, sem narrativa.

No dia 22, pela manhã, as meninas teriam ido ao local das aparições, acompanhadas com algumas pessoas, mas recebera da santa a mensagem que deveriam voltar à tarde, pois haveria de dizer algo. Retornando, receberam a mensagem que, por volta das 5 horas do dia seguinte, partiria, para só voltar dia 31 de agosto, às 8 horas da manhã, tendo dito: “naturalmente me farão uma festinha”. As meninas responderam: “Mas nós somos pobres, não podemos fazer uma festa” tendo dito a santa: “Meu filho vai dar um jeito, chame muita gente, gente boa!”.

No dia 23, pouco antes das 5 horas da manhã, acompanhadas com sua família, as meninas narraram “Olhe, ela já está de saída. Nossa Senhora já está na porta e tem duas fileiras de anjos até lá encima” mostrando o céu.

Todos os presentes começaram a rezar o “Pequeno Ofício” da Imaculada Conceição e a santa parou entre os anjos, até findarem o ofício, dando-lhe mais uma vez a bênção e seguiu para o céu (LIRA, 2015, p. 45).

No dia seguinte (24), sem avisar, o cônego Marques, vigário de Pesqueira, foi visitar o Sítio Guarda. Chegando, interrogou as meninas separadamente, buscando confundi-las para que caíssem em contradição, o que não aconteceu, tendo escrito tudo em papel para relatar ao bispo Adalberto Sobral, mas chegando a Pesqueira, o papel com suas anotações estava totalmente em branco, como se nada tivesse escrito ali (PAIVA, 1987, p. 45). Em seu diário, padre José Kehrle teria aconselhando o cônego Marques a ir assistir a aparição do dia 31, juntamente com, seu irmão, padre Luís Kehrle.

A expectativa para a aparição do dia 31 de agosto fora grande, começaram a surgir contribuições que enfeitavam a festa, o lugar todo repleto de bandeiras de papel, flores, velas acesas e o povo aglomerado cantando hinos de louvor, era o grande momento esperado por todos - uma oportunidade especial de devoção e cura. Conforme prometido, na segunda-feira, dia 31, às 8 horas da manhã, as videntes foram até o lugar das aparições, e com elas uma romaria de fieis, relatando padre Kehrle:

No dia 31 de agosto de 1936, fomos juntos num automóvel até o pé da serra do referido sítio, indo em carro particular o monsenhor Elyseu Duarte Diniz, atual vigário de Triunfo. Este,

indo à nossa frente e caminhando mais depressa do que o nosso carro, entrou em outro caminho, perdendo-se nos campos de tomate. Esperamos muito tempo e, como o pai da menina tinha mandado por própria iniciativa quatro cavalos, apesar de ter eu pedido apenas dois, deixei um portador com outro cavalo, dando ordem para este esperar a chegada do monsenhor e de seguir com o mesmo. Nós seguimos devagar até o referido sítio 'Guarda'. O caminho estava repleto de romeiros e só devagar podíamos seguir. O caminho era pedregoso e todos corriam sem querer deixar os cavalos passarem. Com sacrifício, chegamos ao sítio, onde nós apeamos e não fomos para casa das meninas e seus pais viessem. No caminho para o local, alcançou-nos o senhor Arthur, pai das meninas, e estas também. Durante a subida perguntei a Maria da Luz se Nossa Senhora vinha mesmo naquele dia e ela me disse que sim. Perguntei se ela havia prometido algum sinal visível e me respondeu: 'Ela disse que não dava um sinal visível por causa do barulho do povo (palavras textuais da menina), mas que achava que Nossa Senhora faria hoje uma surpresa ao povo; porém, sem saber o que era'. Com muito sacrifício e pés descalços, chegamos ao alto (PAIVA, 1987, p. 46).

Continua padre Kehrlé:

Perguntei se já havia alguma coisa e Maria da Luz disse que não. Olhei o relógio. Faltavam uns cinco minutos. Olhei para ver se monsenhor Elyseu já chegara, porém, nada pude ver. Disse então a Maria da Luz; 'estou certo de que Nossa Senhora hoje não vem. Olhe, já passa da hora', adiantei o relógio para ver sua reação, porém, a menina olhava com muito interesse para o alto e me disse: 'ela vem porque prometeu. Eu não posso duvidar porque sei que ela vem'. Mandei que o povo cantasse 'Dai-nos a bênção'. Quase todos cantaram. Olhei o relógio, que na realidade agora marcava 8 horas. Pouco depois a menina disse: 'Olhe, lá vem ela, muito alto, e com muitos anjos'. Gritei para o povo: 'a menina diz que a imagem já vem pelas nuvens'. Pedi que todos rezassem o alto de contrição a fim de poder ao menos uma pessoa de nós vê-la também. Eu e o padre Luiz rezamos o ato de contrição e muitos assistentes também. Notei a menina com uma alegria extraordinária: olhar vivo e apontando para cima como se quisesse que alguém visse a imagem chegar. Perguntei: 'que está vendo agora? Disse-me: 'a imagem está mais perto. Ela agora não traz mais o menino. Olha, ela está com as mãos para baixo!' Perguntei a Maria da Conceição como era a imagem, e ela me disse o mesmo, acrescentando ainda:

‘parece que tem uns raios nos dedos’. O povo cantava novamente ‘Dai-nos a bênção’. (PAIVA, 1987, p. 47).

Em seu diário, padre Kehrlle continua a narrar em detalhes da aparição e o que ocorria em sua volta:

Depois de uns cinco a sete minutos, Maria da Luz me disse: ‘olhe, ela está na pedra de cima...agora descansou. Olhe, ela está dando com a mão...Ela quer dizer alguma coisa’. Mandei que o povo guardasse silêncio. Então Maria da Luz olhou muito e parecia que estava escutando, e logo disse; ‘Meus filhos, o Brasil está salvo. O comunismo não vem mais. O Brasil está salvo!’ Então repeti as mesmas palavras para o povo e dei vivas a Nossa Senhora das Graças. O povo respondeu. Logo em Maria da Luz disse: ‘Olhe, agora está descendo num anjinho e está abrindo a porta da casinha dela. Olhe como abriu! Agora está subindo de novo. Olhe, Nossa Senhora está descendo muito devagar...agora está na casa dela...mesmo em frente’. Perguntei: ‘e os anjos?’ ‘olhe, estão em torno dela agora...(fez uma pequena pausa) estão voando para cima. Olhe como estão voando!’ todos olhavam, mas ninguém conseguiu ver coisa alguma. Perguntei a padre Luiz se ele notou a diferença no rosto das duas meninas na chegada da imagem e ele me disse que sim. Fiz, então, diversas perguntas, em alemão, e as meninas davam respostas, a saber:
 És a Mãe da Divina Graça? SIM. Estás satisfeita com o povo? SIM. Dá-lhe a tua bênção (PAIVA, 1987, p. 47).

Nesta ocasião, padre Kehrlle perguntou a Maria pequena (Maria da Conceição), o que ela via e ela respondia, tendo dito que a santa estaria a dar bênção a todo o povo ali presente, pediu-lhe que descrevesse a imagem, tendo afirmado que “ela está com uma coroa na cabeça, um manto azul, o vestido comprido com uma faixa creme e as mãos para baixo com uns raios”. O que é creme, perguntou o religioso, disse a menina “assim...branco, amarelo”. Ao perguntar a outra menina, foi lhe dado às mesmas respostas.

Segundo Paiva (1987, p.48), Kehrlle relata a insatisfação do monsenhor Elyseu Diniz que, tendo se perdido no caminho, não chegou a tempo, banalizando as presenças das meninas e afirmando “...ora, um sacrifício desse por besteira”. Porém, após um certo descanso, disse ao padre Kehrlle que separasse as videntes e fez a primeira pergunta em italiano: Sois a Madona da Divina Graça? SIM. Não sois a Madona do Carmo? NÃO (PAIVA, 1987, p. 49).

Continuou o religioso Diniz a fazer novas perguntas, tendo indagado qual das Madonas era aquela aparição. As meninas, por sua vez, não responderam, e pediram para que o monsenhor falasse mais alto para poder ser ouvido. Com o pedido, o monsenhor aborrecido respondeu: “Se for Nossa Senhora, ela há de entender também baixinho; pois não me satisfaz, também não posso acreditar. Vou embora. Não vou perder tempo com porcaria” (PAIVA, 1987, p. 49).

Tendo Kehrlé pedido paciência, Diniz aceita fazer mais uma pergunta em italiano: “Quem está na Hóstia Consagrada? Na Hóstia Consagrada – repetiu”. Nada foi respondido, tendo as meninas afirmado que a imagem nada fazia, apenas observava para os presentes de mãos estendidas. Indignado, Diniz queixou-se dizendo que se tratava de “uma asneira e que não perderia mais tempo” (PAIVA, 1987, p.49), tendo o povo, em parte, seguido com ele.

Padre Luiz, também presente, resolveu fazer algumas perguntas em alemão:

Tu és a mãe da Divina Graça? SIM.

Qual é o fim da tua aparição?

Nada disse: fez somente um sinal com a mão como se nada quisesse dizer.

Por que querias hoje tanta gente aqui?

Fez novamente o mesmo sinal.

Qual a surpresa que querias nos fazer hoje?

Diz a menina: Ela está inclinando a cabeça... Agora de novo, parece dizendo sim.

Os cinco dedos que me mostrou na minha última visita significam o tempo antes de tua partida? NÃO.

O que significam os cinco dedos?

Nada disse.

Significa o 4 na parede, a eternidade?

Fez um sinal com a mão como se não quisesse responder.

A eternidade já está perto da humanidade? SIM.

Que devemos fazer, portanto?

Deu com a mão.

Vem o comunismo no próximo ano ao Brasil? NÃO.

Os lugares que fizeram penitência também serão castigados?

NÃO

A luta na Espanha durou 100 dias, como diz a irmã Belley?

SIM.

Haverá uma perseguição à Igreja na Alemanha?

Nada disse.

Conheces meu irmão Luiz? SIM.

Teu filho gosta de Thereza Neuman de Konnersreuth? SIM.

As suas aparições são verdadeiras?SIM.

Queres que Padre Luiz pregue sobre a aparição?SIM.

Queres que se diga isso ao povo? Riu-se
 Queres que eles escrevam sobre isso ao bispo de Pesqueira?
 SIM.
 Ficará o bispo de Pesqueira satisfeito com a minha visita aqui?
 SIM.
 Queres que o povo venha sempre rezar aqui? SIM.
 Quais são os castigos que vêm?
 Deu apenas um sinal com a mão, como se nada quisesse dizer
 (PAIVA, 1987, p. 50 -52).

Em seguida, foi perguntado quais seriam o primeiro, segundo e terceiro castigo, mas nada foi respondido. Segundo Lira (2015, p. 61), do meio do povo, um senhor de nome José Farias, natural de Pesqueira, pediu para que fizesse a pergunta se fulana de tal que estava no Recife estava viva ou morta, tendo sido respondido: Viva. E se fulana de tal também estava vida ou morta. A mesma resposta: Viva. Tendo logo o senhor José Farias dito que não estavam vivas. Repetidas as perguntas, em alemão, as meninas responderam que ambas vivem na glória. Saindo Farias, dizendo se tratar de um truque, este é o único trecho do Diário do frei Estevão que se diferencia dos escritos originais do padre Kehrlé. Continuaram as perguntas:

Qual a imagem ou invocação que vai deixar?
 Nada respondeu e disse: Não se esqueça do meu cantinho,
 meu filho recompensaria o sacrifício que fizeram por mi. Onde
 está o outro padre?
 Disse em alemão: esse foi embora. Para que era?
 PARA EU ABENÇOÁ-LO
 Então não pode dar-lhe a bênção daqui?
 POSSO.
 Então dê-lhe a bênção
 A menina disse: ela agora está dando a bênção naquela
 direção... Logo depois, a imagem perguntou:
 ONDE ESTÁ O PADRE MARQUES?
 Para que? Que queres dele?
 UMA VISITA – e acrescentou: NÃO SE ESQUEÇA DO MEU
 CAMINHO (PAIVA, 1987. p. 53).

Já próximos da saída, os padres ouviram da menina que a imagem estava dando lhe a bênção, e falando “FAÇA O POVO SUBIR PARA FAZER PENITÊNCIA”.

No dia seguinte, Maria da Luz encaminhou ao padre Kehrlé com o seguinte texto:

Abençoe-me.

É com o coração cheio de alegria que vos dou mais algumas notícias. Perguntei a Nossa Senhora se os padres estavam abençoados por Jesus Cristo e ela me disse que só cinco pessoas e os dois padres que vieram estavam abençoados por seu Filho, pois havia muitos curiosos, mas que ela havia abençoado todos... disse ainda que rezássemos muito e avisasse o povo para rezar por causa do comunismo; que o Senhor não se esquecesse da gruta dela, pois Jesus Cristo ficará abençoando; que fizesse uma capelinha no lugar e se colocasse uma imagem igual a Ela; que só ia embora quando o padre Marques viesse (PAIVA, 1987, p. 54).

Após 31 de agosto, data marcada para a festa de Nossa Senhora, teve início, mais publicamente, as romarias ao local da aparição, tendo sido registrado, segundo Paiva, cerca de 1.000 romeiros, espalhado em 30 carros e 25 caminhões de origens diversas. As romarias, sempre atacadas pelo clero local, nunca tiveram sua frequência atingida, ganhando força o fenômeno da aparição de Cimbres, sem a chancela da Igreja (PAIVA, 1987).

Aos 10 de setembro de 1936, padre Marques e frei Estevão retornaram a visitar o sítio Guarda, observando e lançando novas perguntas para as meninas, disse padre Manoel Marques, em latim:

1 – Quem como Deus?

A imagem deu sinal com a cabeça como se não quisesse dizer.

2 – És a mãe da Divina Graça?

Não disse nada nem deu sinal.

3 – És também medianeira de todas as Graças?

Fez um sinal com a mão para o lado.

4 – És mãe do Bom Conselho?

Fez sinal que sim.

5 – És mãe do nosso Salvador? Sim

6 – És mãe de Cristo? Sim

7 – És somente medianeira das graças necessárias a Salvação? Sim

8 – És também medianeira das graças úteis e eficazes? Não

9 – Não podemos receber nenhuma graça a não ser por Ti? Por teu intermédio?

O mesmo sinal que sim

10 – Isso quanto à pergunta anterior?

O mesmo sinal que sim
 11 – Desejas ficar aqui? Sim
 12 – Para fazer o que?
 O mesmo sinal que sim
 13 – Ou desejas deixar este lugar? Sim
 14 – Desejas deixar este lugar e subir ao céu, ou desejas permanecer aqui para dar a todos nós a graça (a ajuda) necessária e eficaz? Sim
 15 – Quanto à primeira parte, a primeira pergunta? Sim
 16 – Ou a segunda parte, a segunda resposta? Sim
 17 – Desejas voltar aqui?
 Deu um sinal como: à vontade
 18 – O que desejas mais de mim?
 Fez um sinal com a cabeça que sim
 19 – Que queres?
 Fez um sinal que não sabe
 20 – Que desejas?
 O mesmo sinal
 21 – Que queres?
 O mesmo sinal
 22 – Para onde vais? Sim
 23 – Conheces quem eu sou? Sim
 24 – O Brasil será castigado por Deus? Sim
 25 – Nenhuma graça útil e eficaz podemos senão receber de ti? Sim
 26 – Por que anteriormente negastes? Não
 27 – Devo revelar tudo?
 Respondeu com sinal: que à vontade (PAIVA, 198, p. 55 – 57).

Em posse de Maria da Luz, padre Marques encontrou algumas perguntas em latim, escritas pelo padre Jatobá, porém, sem saber ler em latim, padre Marques fez a leitura:

28 – Senhora, se tu és Maria, faze para nós um milagre para que sejamos o teu poder.
 Sinal com a cabeça que sim
 29 – Para que finalidade nos apareceste, senão para salvar o Brasil que já é teu? Que já te pertence?
 Sinal com a mão
 30 – Poderemos crer firmemente que estejas com estas meninas que te veem e nos comunicam as notícias (fatos)?
 Sinal que sim (PAIVA, 198, p. 55 – 57).

Conforme escritos de frei Estevão, ele estava convencido da realidade, porém padre Marques ainda tinha dúvidas em razão da resposta de nº 8. Marques deixando de fazer perguntas, ele (frei Estevão), continuou em língua alemã:

Santa Mãe e excelsa Senhora, vós nos comunicastes pelas meninas que sois a Graça, a Mãe do Céu, a Mãe da Divina Graça. A Senhora é também a Medianeira de todas as Graças, como a Igreja aprova e nos ensina a rezar?

Sim (respondeu imediatamente a menina) (PAIVA, 198, p. 55 – 57).

O mesmo continuou em alemão:

Então, ó Maria, Mãe nossas, concede benignamente a todos que aqui e aos que usam a água desta fonte, além das graças especiais que podem com justo motivo, primeiro, fé ilimitada, segundo, a necessária confiança no vosso poder e na vossa bondade. Dai-lhes um amor e uma devoção a vós, correspondentes a essa fé e confiança, para que todos, sem exceção, mesmo o maior pecador, se salvem, procurando viver no mundo, por todos os meios que estão a nossa disposição, no estado de graça santificante por atos contínuos mediante a graça atual (PAIVA, 198, p. 58).

Continuando, frei Estevão perguntou a menina o que Nossa Senhora fazia naquele momento, respondeu que: “ela disse sim – está dando a bênção”. Em seguida, o religioso chamou a todos para rezar três Ave-Marias com a invocação: Ó Maria, mãe da Divina graça, rogai por nós. Em seguida, continuou as perguntas em alemão:

- A senhora disse que não estava satisfeita com a vida religiosa no nosso convento; é por causa da participação na vida religiosa na Igreja?

Sim (a menina respondeu, dizendo: Ela disse).

- E na vida religiosa na comunidade?

Também

- E qual o meio de acabar-se com este mal?

Maria da Luz disse: Ela agora está dando um sinal com a mão estendida e aberta.

Diz frei Estevão: veio-me o pensamento como interpretação: - vocês poderão conseguir tudo isto com a graça que lhes ofereço. Tenham confiança.

- Ao meu pedido de graças pessoais a fim de cumprir meus deveres como sacerdote e religioso, ela respondeu:

Sim (PAIVA, 198, p. 58).

Em português, frei Estevão perguntou:

- Quem ou qual imagem ficará no seu lugar?

Das Graças

- E por quem colocada?

A menina disse: Ela fez um sinal com a mão como se se quisesse dizer: Por quem quiser.

- São os vestígios na pedra na realidade do Menino Jesus?

Sim (PAIVA, 198, p. 59).

No mesmo dia, após o diálogo, foi iniciado o Ofício, com hinos e louvores. Quando do início da “Ave da Graça”, Maria da Luz pediu silêncio e que todos se ajoelhassem para pedir perdão dos pecados e receber a última bênção de Nossa Senhora. Segundo a menina, neste momento ela avistou:

Ao pôr do sol, desceram do céu anjos trajados de branco com faixa azul celeste a tiracolo: dois anjos sustentaram o manto de Nossa Senhora quando ela subia ao céu. Ao chegar nada traziam, os outros traziam lanternas com velas acesas e, alegres, acompanharam Nossa Senhora (PAIVA, 1987, p. 59).

Após a narrativa, frei Estevão perguntou a Maria da Luz: “Quando foi que Nossa Senhora subiu ao céu?” Ela disse: “Quando muita gente estava chorando”.

Com os relatos das aparições e o aumento diário das visitas ao local das aparições, padre Marques fez com que Maria da Luz e Maria da Conceição fossem examinadas, novamente, pelo médico Dr. Lídio Paraíba. Em carta recebida de Maria da Luz, a menina queixou-se que Nossa Senhora teria vindo dia 15 de setembro chorando, porque seus filhos não respeitavam seu lugar, abusando de sua bondade.

Após a consulta, o médico abertamente declarou, por escrito, atestando que o estado de saúde das meninas não constava anormalidade (LIRA, 201, p. 78).

Em 17 de setembro, Sr. Artur Teixeira, pai de Maria da Luz, declarou que, segundo a filha, Nossa Senhora tinha dito, por volta das três horas da tarde, estando as meninas em casa, de onde viram a Santa chegar, foram ao local das aparições, tendo a imagem voltado para avisar que não queria que pessoas, com certas modas, fosse visitar o lugar, que fosse feito um cercado para que só pessoas boas pudessem visitá-la E que fizessem sua capelinha, que havia pedido que Maria da Luz não fosse a Pesqueira, por não ser necessário, e que logo haveria de demonstrar a realidade de tudo, termina (PAIVA, 1987, p. 60). Segundo Kehrlé, deveria o pai da

menina atender ao pedido e colocar o cercado para, também, só pessoas do seu conhecimento pudessem retirar a água da fonte, já que sugira indivíduos que visavam comercializar a água santa.

Tendo o bispo local chegado de viagem, padre Kehrle informa que relatou os fatos ocorridos no “Guarda”, tendo dado cópia das perguntas e respostas feita a santa aos padres franciscanos e Marques, Kehrle informa que pediu ao bispo que também os indagassem visando mais amplo conhecimento do assunto. Em outubro, o bispo mandou o superior franciscano junto com o padre Urbano de Carvalho, reitor do colégio, a fim de examinar os fatos *in loco*.

Subiram a serra os religiosos e as meninas, porém, nenhum resultado foi obtido, nada apareceu, chegando eles à conclusão de que se tratava de mentira, relato este repassado ao bispo. Porém, em nada alterou a fé e a veneração do povo que continuava a visitar o lugar santo, rezando e fazendo penitência.

Mesmo sem a chancela da Igreja e com o constante crescimento das visitas ao local, não tardou que a polícia buscasse interferir, aparecendo no lugar com doze praças, dispersando os romeiros na ocasião e pondo a portinha da fonte abaixo. Proibindo ainda a família da menina de conceder reuniões do povo ou rezarem no lugar das aparições. Com a saída da polícia, correram as videntes ao local e, entristecidas, relata o Kehrle, notaram que a água tinha secado. Ajoelhadas pediram que Nossa Senhora viesse consolá-las, porém, não apareceu (PAIVA, 1987, p. 61).

No dia seguinte, Teixeira procura Kehrle e recebe dele a orientação de refazer tudo, posto que ele era dono da propriedade. Caso o povo voltasse a aparecer, deveria ele procurar a polícia e dizer que nada poderia fazer. Feito isso, observou as meninas que a água voltava a correr, agora com mais força que antes.

Apesar das ameaças policiais, o povo continuava a frequentar o lugar, sempre crescendo o número de visitantes e, quanto maior a perseguição, mais cresciam as visitas. De todas as partes se ouviam relatos de curas e milagres, dos quais o registro do livro do “Guarda” dá bastante informação, tendo nele cerca de 600 testemunhos, conclui padre Kehrle (PAIVA, 1987, p 62).

Continua padre Kehrle:

No dia 20 de outubro, inesperadamente, o sítio Guarda teve a visita d nova força policial comandada por um sargento. Este, em nome do delegado regional de Pesqueira, destruiu completamente, a cerca que protegia a fonte, a porta e deu voz

de prisão ao senhor Artur Teixeira, com ordem de ir a Pesqueira de onde seria remetido a Recife à presença do chefe da polícia. Foi grande a tristeza da família toda, que só teve o consolo, a oração e resignação. O senhor Artur foi ouvido pelo delegado regional, o qual compreendeu perfeitamente, que o mesmo não tinha culpa e muito menos, que ele fosse explorador da boa fé. Com algumas advertências e precauções, o senhor Teixeira, na mesma noite foi solto e seguiu a pé para sua casa aonde chegou de madrugada. Pela manhã as duas meninas subiram o monte a fim de encontrar Nossa Senhora, a qual apareceu muito triste e lhes pediu que sofressem tudo com paciência. Tendo as meninas notado que a água tinha desaparecido, queixaram-se a Nossa Senhora e esta então lhes disse que fossem no outro lado do rochedo, pois lá encontrariam a mesma água dada por ela. Seguiram para lá e realmente encontraram a referida fonte. Ao voltarem, Nossa Senhora pediu-lhes para não descobrirem este fato ao povo, mas sim apenas às pessoas da família e aos dois padres. Mandou também que a referida água fosse apanhada por elas só e dada ao povo na residência do senhor Arthur, porém, 'apenas às pessoas doentes e de fé' (PAIVA, 1987, p. 62-63).

O senhor Artur Teixeira proibiu a visitação a serra e dificultou o acesso o quanto possível. Quando se espalhou a notícia da prisão de Teixeira, pela cidade falava-se que a polícia agia a mando do bispo, tendo Kehrle recebido ordens do prelado para que, em domingo seguinte, dissesse em púlpito da catedral que se tratava de boato, pois não tinha nada orientado a polícia neste sentido. Com opiniões diversas sobre quem era o mandatário, pede o padre para que Maria da Luz, quando possível, perguntasse a Nossa Senhora quem era o autor a fim de esclarecer os fatos.

Em 5 de dezembro, padre Kehrle recebe carta de Maria da Luz onde esta relatava o seguinte:

Nossa Senhora me revelou que o pedido foi feito por um padre ao chefe de polícia, porém, não disse o nome. Pedi que desse um sinal visível a todos, a fim de crerem na aparição, mas ela nada disse, dando apenas um sinal com a mão se não fosse necessário. Pedi ainda Nossa Senhora que não disséssemos mais ao povo quando ela aparecia (PAIVA, 1987, p. 63).

Ainda durante esse diálogo, afirma Maria da Luz que recebera orientação do seu confessor na Igreja Matriz para negar as aparições de Nossa Senhora, recebendo a absolvição porque tinha declarado que não poderia mentir contra sua consciência, pois estava certa de que a Santa mantinha contato visual com ela.

Em 15 de janeiro de 1937, Maria da Luz encaminha ao padre Kehrle carta que dizia: “Nossa Senhora disse uma vez que o senhor me botasse num colégio que o senhor pudesse me visitar. Nossa Senhora disse que era o senhor e frei Estevão que me governavam” (PAIVA, 1987, p. 64).

Continua padre Kehrle, em seu diário:

Em diversas cartas, Maria da Luz declarou-me que Nossa Senhora tinha-me dito que fosse para o colégio, a fim de estudar, pois mais adiante teria a vocação para o convento. Visto as dificuldades pecuniárias dos pais de Maria da Luz e conhecendo as despesas enormes de colégio, durante alguns anos, vendo também que sozinho não poderia com estas despesas, dei-lhe sempre uma consolação para o futuro. No entanto Maria da Luz sempre insistiu no seu desejo e isto a mandado da Santíssima Virgem. Recebi cartas na qual ela me afirmava categoricamente que Nossa Senhora colocava este ponto de sua vida nas minhas mãos e me confiava a direção espiritual de sua filha. Fiz diversas perguntas por escrito à mesma e esta respondeu sempre que era desejo de Nossa Senhora que ela fosse o convento. Enquanto esperava por este dia, Maria da Luz ficava oferecer as mais belas flores cultivadas em seu coração: missas, comunhões, mortificações, jaculatórias, visitas aos Santíssimo e terços, tudo na intenção do querido confidente e confessor (PAIVA, 1987, p. 64).

Padre Kehrle registra ainda a preocupação e não compreendia o fato de Maria da Conceição, que também tendo visto Nossa Senhora, em nenhum momento despertou-se para a vida na clausura.

Em 23 de dezembro, nova carta de Maria da Luz, esta dizendo que o padre já estava esquecendo-se de destiná-la ao colégio e que Nossa Senhora havia aparecido novamente confirmando a votação, tendo dito:

Tenho muitos filhos, porém, não tem um que siga o caminho da felicidade como o senhor e frei Estevão. Maria da Conceição está separada de mim, está em casa dos pais e estou achando-a sem fé. Também Nossa Senhora disse que eles

tivessem cuidado com ela, pois era muito fraca. No dia 16 de dezembro completei 14 anos e Nossa Senhora veio fazer-me uma visita. Aí Nossa Senhora mandou-me algumas respostas pessoais dizendo que o pessoal reza-se, que o Brasil estava salvo, mas estava achando os seus filhos muito fracos de fé, mas olhassem para Espanha e que não dissesse que ela havia vindo (PAIVA, 1987, p. 65).

Por intermédio de Maria da Luz, em 12 de janeiro de 1937 foram feitas as seguintes perguntas a Santa:

O comunismo virá ao Brasil?

- Ah Se meu povo tivesse fé e rezasse.

Realizar-se-á agora o que a Senhora me disse a respeito do meu futuro?

- Já. Meu filho compreende.

Quer que eu ainda faça o que me pediu naquele tempo?

- Se quiser.

Não destinou qualquer coisa contrária?

- Não, filho.

Quer que Maria da Luz se forme como professor ou que entre em Ordem monástica como professora do coro?

- É o que tu quiseres, filho. Bota-a para estudar ser professora. Depois o que sua vocação... faze tudo, filho, para que a aceitem.

Por que padre Francisco foi retirado? Foi por causa do frei Estevão, ou foi a Senhora que retirou?

- Fiz para que o bispo vá reconhecendo aos poucos (PAIVA, 1987, p. 65-66).

Ao término, Maria da Luz afirma que “Nossa Senhora não quer que eu vá ao colégio de Pesqueira, porque lá não me aceitarão” (PAIVA, 1987, p. 66). Tendo em vista que as irmãs do Colégio Dorotéia, de Pesqueira, haviam solicitado algumas meninas para o ano letivo, Kehrlé foi a madre superiora para disponibilizar a vidente, porém, ao saber de quem se tratava, de imediato, teve a negativa, dizendo a freira que, neste caso, só com autorização da superiora geral. Ao dizer que já sabia daquela resposta, a madre perguntou quem havia dito, tendo ele dito a mensagem da vidente.

Kehrlé relata que continuou a enviar perguntas a Maria da Luz para Nossa senhora responder. Nesta ocasião, fez ele algumas perguntas de cunho pessoal:

Que queres que eu faça agora?

- Eu quero que tu tenhas fé e não penses que não foi a mãe de Jesus Cristo quem apareceu.

Como queres que eu faça futuramente?

- Filho, quero que faças todo sacrifício para colocá-la (Maria da Luz) no colégio; fiz este pedido, filho, e acompanha-a, que serás feliz.

Ainda aparecerás no 'Guarda'?

- Não, filho.

Queres que continue a recomendar a devoção ao Coração de Jesus?

- Jesus Cristo quer.

Queres também que continuemos a recomendar a devoção a Nossa Senhora das Graças?

- Padre, não penses que não foi a mãe de Jesus Cristo que apareceu. Padre! Recomenda, filho, que serás abençoado.

Vão mesmo realizar-se os castigos que a Senhora avisou?

- Filho, o meu povo está com mais fé, mas os castigos não são agora (PAIVA, 1987, p. 67-68).

O comunismo verá para o Brasil?

- Meu povo está lembrando-se de Deus, mas é preciso rezar muito.

Eu serei feliz futuramente?

- Não fiques aos meus pedidos e serás feliz por toda a vida.

Não me espera alguma coisa extraordinária?

- Filho querido de Jesus Cristo, tem fé e não desprezes a minha filha, que tu serás feliz (PAIVA, 1987, p. 67-68).

Ao receber estas respostas, Kehrle relata que escreveu às irmãs Beneditinas de Caruaru pedindo a admissão da menina em seu colégio. Em razão do retiro destas, a resposta chegou em oito dias. Ao procurar frei Estevão para lhe comunicar, o franciscano de imediato apressou-se em dizer que o colégio de Santa Sofia, em Garanhuns, havia aceitado a menina.

Segundo Kehrle (PAIVA, 1987, p. 70), pouco tempo depois, o bispo esteve visitando o colégio e, ao saber que uma das videntes lá estava, e sob os cuidados financeiros do padre Kehrle, o repreendeu dizendo que melhor seria se tivesse custeando um seminarista.

Ao sair de férias, em novembro, com orientação das religiosas para que a mesma voltasse logo, Maria da Luz recebeu carta do padre Kehrle informando-a que não mais poderia voltar para o colégio, pois "devido a circunstâncias imperiosas e às quais não poderia falar".

Paiva (PAIVA, 1987, p. 70), registra em seu livro que, durante a ausência de Maria da Luz, que se encontrava no colégio, em Garanhuns, houve o registro de que diversas pessoas estavam a testemunhar a aparição de Nossa Senhora das Graças em lugar denominado Alagadiço, próximo ao município de Alagoinha, ainda na diocese de Pesqueira.

Com o retorno de Maria da Luz, padre Kehrlé provocou a vidente para que buscasse informações sobre a veracidade da aparição de Alagadiço, tendo em 10 de dezembro de 1937 recebido a resposta:

Recebi sua carta e junto vinham as perguntas. Fiquei tão alegre que o senhor não avalia. Sobre as perguntas, penso que não tem jeito, porque no dia em fui ao colégio, Nossa Senhora me disse uma porção de coisas e me disse que só mandasse para o senhor quando o senhor mandasse primeiro as perguntas então ela disse isso que mando. Sobre minha ida ao outro monte, Nossa Senhora há de marcar os dias em que irei lá; por carta não mando dizer a metade do que sei. Este papel é Nossa Senhora que fala para o Senhor e não consentiu que passasse a tinta (PAIVA, 1987, p. 71).

Eis o conteúdo do papel do dia 26 de fevereiro de 1937 que, segundo Maria da Luz, não foi transcrito em papel limpo, pois a Santa não havia consentido:

Olhe: eu sei que Padre José vai mandar umas perguntas. Não venho mais, mas não deixarei de proteger minhas filhas e meus dois queridos ministros, que se sacrificaram principalmente para educar minha filha. Filho querido, a minha filha, dentro de três anos, vai ter uma forte vocação; consinta, filho, faça todo jeito que será feliz, por toda sua vida. E Maria da Conceição, minha querida filha, não quer, deixe, filho, que ela siga o que quiser. Filho, não se perturbe; quero que minhas filhas se eduquem e o necessário darei sempre. O que disse pela primeira vez será. Faça o que eu pedir, é só o que eu quero de você. Filho, o colégio é o que você quiser, e o que for está muito bom. Não está? Não tenha medo do integralismo, e seja forte; não tema. Minhas filhas estão prontas para aguentar todas as dúvidas. Sobre a imagem, tenha paciência, não bote sem ordem. Está abençoado, filho, você será feliz se não duvidar muito (PAIVA, 1987, p. 71).

Padre Kehrlé escreveu novamente a Maria da Luz pedindo-lhe que fosse a Alagadiço, a fim de ver Nossa Senhora e, na ocasião, fizesse as perguntas que já lhe tinha dito. No dia 26 de dezembro recebeu a resposta da menina:

Resolvi ir logo lá. Foi a mortificação que fiz. Fui na garupa. O lugar é longe daqui. Fiz as perguntas a Nossa Senhora. Eis as perguntas e respostas:

1 – as aparições aqui são de Deus?

- são podem crer.

2 – Por que motivo houve essa nova aparição?

- Filho, é porque eu só ando procurando a conversão de todos os pecadores.

3 – É verdade que vem três dias de escuro?

- Jesus mandará, se não fizerem penitências fortes.

4 – Quando e quais os castigos avisados pela Senhora?

- Os castigos, muitos lugares já estão vendo e são estes mesmos se assim continuarem.

5 – O comunismo ainda virá ao Brasil?

- Se não rezarem.

6 – Quer que Maria da Luz volte ao colégio?

- Quero muito.

7 – Em qual colégio?

- O que fizer, está do meu gosto.

8 – Como podemos arranjar os meios para isto, visto a dificuldade dos pais e de frei Estevão?

- Eu darei o jeito, e gosto de saber que minha filha há de continuar os estudos. E não se esqueça do que pedi sobre minha filha.

9 – Quando o senhor Bispo dará crédito às aparições?

- Filho, paciência, não se importe, que algum dia...

10 – Como poderá ele convencer?

- Filho, ele está quase convencido, mas não que publicar. Eu quero assim mesmo.

11 – Posso escrever as aparições do “Guarda” para a Alemanha?

- Pode, mas não consinta descrever. Filho, para tudo tem tempo. Paciência, quero assim mesmo.

12 – Ainda continuará muito tempo a perseguição na Alemanha?

- Se não rezarem e não fizerem penitência.

13 – Ainda se realizará o que a Senhora me disse sobre o comunismo no Brasil?

- Filho, o que peço, é que rezem que Jesus perdoará as penas cometidas.

14 – Ou Deus perdoou os homens?

- Aos que se acham errados e voltam ao caminho da Igreja.

15 – Ainda há de correr sangue no Brasil?

- Jesus diz que se não fizerem penitência correrá muito.

16 – Os castigos ainda virão no atual regime?

- Jesus promete, se assim continuarem.

17 – Há possibilidade de afastar os castigos ainda?

- Há muitas!

18 – Quando vier a imagem pedida poderei coloca-la sem licença expressa no lugar da aparição?

- Não. Para tudo é preciso ter paciência, eu quero assim mesmo, assim é que está bom.

19 – Ou será melhor aguardar os acontecimentos?

- A perseverança vence tudo.

20 – A água novamente aparecida tem o mesmo efeito curativo como a primeira?

- Se assim tiverem fé.

21 – Foi a Senhora quem concedeu?

- Foi.

22 – Que queres mais de mim?

- Filho muito amado, quero que continue sempre assim e não se esqueça de minha solicitação sobre minha filha; Dou-lhe uma bênção para que seja muito feliz e tudo que vier é para o seu bem. Não se importe com os outros. (PAIVA, 1987, p. 72-75).

Diz padre Kehrlé que, junto às respostas de Maria da Luz, um outro papel continha:

L.S.J.C. Filhos, estão abençoados.

1ª – Filhos queridos – podem crer que andei nestes dois lugares e nesta terra tão querida de Santa Cruz, que andei procurando e procuro a salvação de todo o meu querido povo brasileiro.

2º - Filho – estás convidado para que minha filha te chame de padrinho, porque é melhor, e mesmo ficarás tendo mais parte nela do que tinhas; não achas bom?

3º - Amado filho – já bem sabes que não falei tão claramente como falei nesta terra, porque sabes como é o meu povo.

4º - Filhos amados de Jesus – sabeis por que motivo deixarei de andar corporalmente no Guarda, naquele querido lugar? Porque lá já sabem procurar o bem das almas. Eu andei lá em Alagadiço, mas não todos os dias como as pobres crianças dizem.

5º - Filhos – os três castigos Jesus mandará se não cumprirem com os mandamentos da Igreja.

6º - Filho querido – peço-te uma coisa: não te importes com a crença dos outros. Quero que continues como tens sido e sejas o mesmo para com a minha filha. O meu e o Nosso Jesus está bem satisfeito.

7º - Últimas palavras ouvidas por minha filha Maria da Luz: (Esta aparição em Alagadiço, confirma o que disse Nossa Senhora no dia em que foi pela última vez ao Sítio Guarda, a 26 de fevereiro de 1937: “Eu aparecerei em outro monte”) (PAIVA, 1987. p. 74-75).

A partir do relato acima, segundo Paiva (1987, p. 75), padre Kehrle encheu-se de dúvidas, pois tinha de um lado a vidente Maria da Luz e do outro seu voto de obediência sacerdotal ao bispo. Buscando um entendimento, Kehrle escreveu ao único confidente de Theresa Neumann (vidente que teria visto Jesus no Monte das Oliveiras e estigmatizada), senhor Ritter von Lama, explicando-lhe, em poucas palavras, as dúvidas se as aparições do Guarda eram de Deus ou se nelas havia qualquer laço diabólico. Em mesmo tempo, recebeu a notícia de sua transferência e de frei Estevão, de Pesqueira. Ao receber a resposta de Ritter von Lama, padre Kehrle encaminhou-a para o bispo, tendo dele a seguinte resposta, ao fim da carta:

Quanto ao Sítio Guarda, digo-lhe que os que estão em oposição ao bispo, procurando diminuir-lhe a autoridade, não poderão contar vitória e nem ter a bênção da Senhora das Graças, uma vez que São Paulo diz: quem não está com o bispo não está com a igreja, quem o censura e diminui na ausência, não merece o título de cristão (PAIVA, 1987. p. 75).

Contudo, o que nos chama a atenção é que, em junho de 1937, padre Kehrle recebeu da Alemanha, no dia do seu natalício, carta de Ritter von Lama, resposta a sua carta, cujo objetivo era obter de Theresa Neumann a confirmação ou não da veracidade da aparição de Cimbres. Na carta, a informação que a mãe de Deus não respondeu, porém, que perguntado ao Bom Salvador, este respondeu “A Mãe de Deus não dá sobre estas coisas qualquer resposta, porque já existem provas bastantes e estas já bastam e são claras” (PAIVA, 1987. p. 83).

Nesse segundo capítulo, para os conhecedores do tema, poderá ser compreendido como uma cansativa repetição de narrativas citadas por Paiva, nossa fonte primária, contudo, seguindo o modelo de Carlo Ginzburg, buscaremos recontar o fenômeno tanto para que os iniciantes possam compreender com facilidade o que estudamos, como também para construirmos nosso texto com uma recontagem e recriação da história.

No próximo capítulo, **MILAGRES, CURA E GRAÇA**, será possível conhecer os aspectos místicos que envolvem a suposta aparição de Nossa Senhora das Graças, em Pesqueira, e as curas a ela atribuídas, podendo ainda navegar na leitura de outros fenômenos também registrados no Brasil.

Figura 7 – Nossa Senhora das Graças - Cimbres



Fonte: Google

Figura 8 – Gruta de NS das Graças - Cimbres



Fonte: Google

CAPITULO III – O MILAGRE, A CURA E A GRAÇA

3.1 Conceitos e reflexões

No decorrer da história dos fenômenos das aparições, as mensagens recebidas pelos (as) videntes vêm sempre acompanhadas por supostos acontecimentos místicos, cujo objetivo é dar veracidade ao fenômeno religioso. A cura e a graça permeiam o universo das devoções que logo são aclamadas em tom apocalíptico ou messiânico. Sobre o tema, Eliade (1983), afirma que, na obra de São Boaventura²², Itinerário do espírito para Deus, “o mundo é uma escada pela qual subimos em direção a Deus”. Em Eliade, Boaventura continua:

Encontramos certos vestígios de Deus. Alguns são materiais, outros espirituais, alguns temporais e outros eternos, alguns estão fora de nós, outros em nosso íntimo. Para chegarmos a compreender o Primeiro Princípio, Deus, que é o mais espiritual e eterno e superior a nós, cumpre-nos peregrinar através dos vestígios de Deus, que são materiais e temporais e exteriores a nós. Entramos assim no caminho que conduz a Deus. Em seguida, devemos penetrar em nosso próprio espírito, onde a imagem eterna e espiritual de Deus está presente dentro de nós. Aqui, entramos na verdade de Deus. Por fim, devemos passar pelo que é eterno mais espiritual e superior a nós (ELÍADE, 1983, p. 184-185).

Apesar do texto acima ter cunho teológico e nosso foco ser científico, achamos oportuno transcrever o que disse o doutor da Igreja, Boaventura, visto que é esse pensamento que norteia o consciente dos homens da Igreja e, para melhor falarmos dos supostos milagres de Cimbres, é fundamental compreender o que diz o magistério eclesial.

O Dicionário de Mariologia, que reflete o pensamento da Igreja, considera que, depois da revolução francesa, desde 1830, a espiritualidade mariana começa a ter impositação tendencialmente carismática com surgimentos de milagres obtidos e

²² Teólogo e filósofo escolástico medieval nascido na Itália no século XIII. Sétimo ministro-geral da Ordem dos Frades Menores foi também cardeal-bispo de Albano. Faleceu em 15 de julho de 1274, Lyon, França.

aparições difundidas, culminando em 1854 com o decreto de Pio IX da Imaculada Conceição.

Nos fenômenos de aparições ocorridos nas trilhas do mundo, o cenário da aparição é sempre revestido de vestígios divinos, temporais e exteriores, como destacamos no texto de São Boaventura. Fenômenos tidos muitas vezes como atmosféricos são registrados e difundidos como presença de Maria sob a terra. A água que brota é elemento de cura de enfermos, e pedidos de penitência são apresentados como caminho de salvação.

No âmbito judaico-cristão, os fenômenos extraordinários têm vital importância. A Revelação divina, que tem uma natureza pública e social, se expressa por palavras, mas também através de fatos prodigiosos que são chamados de “milagres”, que fazem parte da Revelação.

Convém esclarecer o que é um milagre:

Milagre vem do latim *miraculum*. Na antiguidade clássica era um fato excepcional ou inexplicável, um fato maravilhoso ou extraordinário que suscita admiração, considerado como sinal e manifestação de uma vontade divina (DICIONÁRIO DE MÍSTICA).

A evolução no entendimento teológico do milagre surge a partir da doutrina de santo Agostinho e de santo Tomás e a resposta apologética à crítica ilustrada. O magistério da Igreja ocupou-se do milagre, sobretudo a partir do Concílio Vaticano I.

Em santo Agostinho, o milagre é apresentado dentro do conjunto da Revelação e da fé, destacando seu caráter de sinal, como a função que lhe é própria: orientar à Revelação. Agostinho foi o primeiro a estabelecer uma doutrina sistemática sobre o milagre, que influirá até ao século XII. No milagre, importa mais o seu valor de sinal e não tanto o de transcendência física. Os milagres são, por seu caráter, insólitos e extraordinários.

A partir dos documentos do Concílio Vaticano II, se buscou estabelecer normas para reconhecimento de milagres, com condições, critérios e verificações. Vejamos:

As condições de um milagre: A teologia afirma que o milagre é essencialmente um sinal ou palavra-feito de Deus, dotada de três características. Com efeito, o milagre é:

- a) um fato real,

- b) totalmente inexplicável pela ciência contemporânea ao mesmo,
- c) realizado em autêntico contexto religioso, como sinal ou resposta de Deus a esse contexto²³.

Visando reconhecer as características positivas e negativas dos fenômenos, a Igreja propôs observar seus aspectos durante a análise de um possível milagre. Estabelecendo critérios negativos (não são reconhecidos como milagres) são:

- os fenômenos ambivalentes: suscetíveis de dupla interpretação (natural ou transcendental). Certos acontecimentos podem verificar-se tanto em contexto religioso como em contexto puramente natural (p. ex., vozes interiores, êxtases, sonhos premonitórios, adivinhação do pensamento, visões, etc.). Muitas vezes será difícil distinguir;
- os fenômenos de experiência meramente individual: só uma determinada pessoa o vive e o conhece. São verdadeiros sinais para a pessoa, inclusive podem ser de Deus, mas não podem ser utilizadas como mensagem destinada a mais pessoas. Tais sinais têm algo de incomunicável, pois implicam um tanto de experiência imediata e de intuição, que não se pode enquadrar em um esquema objetivo e válido para o grande público (p. ex., sinais da Divina Providência, sonhos, iluminações, etc.). Muitas vezes poder-se-ia apelar à mera coincidência e, em outros casos, à sugestão;
- as curas de moléstias funcionais. As curas de doenças são os mais comuns “milagres”. Devem-se distinguir-se doenças orgânicas das funcionais. As doenças orgânicas são as doenças nas quais há um ou mais órgãos afetados na sua integridade anatômica ou histológica, ou deformado e degenerescente, de modo a estar em vias de perecer. As doenças meramente funcionais são as doenças que não dependem de lesão física, mas de perturbação do sistema nervoso. Existem perturbações histéricas pseudo-orgânicas que apresentam todos os sintomas de uma lesão orgânica, sem que esta exista realmente. Há quem mencione também as doenças psicossomáticas, nas quais um fundo nervoso está associado a lesões orgânicas. Em alguns casos, o elemento psíquico predomina e é diretamente responsável por irritações orgânicas (p. ex., dermatoses, moléstias cardíacas). Em outros

²³**Para uma teologia do milagre.** Disponível em <http://www.paraclitus.com.br/2013/veritas/teologia/para-uma-teologia-do-milagre/> Acesso em 03/08/2016

casos, o fator orgânico predomina, mas o estado psíquico ou afetivo do paciente influi. Para “milagres” interessam as lesões orgânicas nitidamente diagnosticadas e tidas como incuráveis pela medicina contemporânea²⁴.

São critérios positivos:

- no caso de cura, em se tratando de doença orgânica grave, consistindo em alterações anatômicas significativas (modificação, perda ou hiperprodução de tecidos). Esta doença terá sido diagnosticada pelos métodos mais seguros e considerada totalmente incurável aos olhos da medicina contemporânea;
- no caso de cura, tenham sido ineficientes todos os meios terapêuticos devidamente aplicados;
- no caso de cura, verifique-se a restauração dos órgãos ou tecidos lesados em espaço de tempo tão breve que possa ser considerado instantâneo;
- no caso de cura, não se tenha registrado o prazo ordinariamente necessário para a recuperação gradual da função lesada (a pessoa retoma suas atividades com naturalidade em tempo extraordinariamente pequeno);
- seja a cura duradoura, capaz de ser comprovada por exames sucessivos, feitos a intervalos regulares durante longo espaço de tempo;
- autênticas atitudes de fé (oração e humildade); os efeitos do “milagre” são confirmação dos homens na verdade e no bem, repúdio ao pecado, conversões à reta fé, paz na alma, concórdia e caridade entre as pessoas, fidelidade ao dever de estado, obediência à autoridade eclesiástica.

Na perspectiva acima, a verificação de milagres foi classificada em quatro etapas:

a) verificar a autenticidade do fato;

²⁴ **Para uma teologia do milagre.** Disponível em <http://www.paraclitus.com.br/2013/veritas/teologia/para-uma-teologia-do-milagre/> Acesso em 03/08/2016

- b) verificar a possibilidade de explicação científica (de parte das ciências físicas, químicas, biológicas, médicas ou psicológicas);
- c) verificar a explicação teológica (explicação sobrenatural);
- d) verificar o significado (o motivo da permissão ou realização do específico fenômeno).

3.2 Milagres no Brasil

Compreendido o conceito de milagres, mesmo estando o nosso foco vinculado às aparições marianas no Brasil, não poderemos excluir fenômenos tidos como excepcionais que envolvem o manto da fé. Nesta perspectiva, os milagres permeiam-se em várias outras devoções, como o ocorrido em Juazeiro do Norte, estado do Ceará. Della Cava registra que, em 1º de março de 1889, a beata Maria de Araújo era uma das devotas mais presentes, e na missa do Sagrado Coração de Jesus, foi uma das primeiras a receber a comunhão. “De repente, caiu por terra e a imaculada hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue”. O fato foi repetido todas as quartas-feiras e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses.

Em São Francisco das Chagas do Canindé, Brandão relata que o primeiro milagre atribuído ao padroeiro “não reconhecido institucionalmente, mas oficializado pelo imaginário popular” é remoto ao tempo da construção da Basílica.

O pedreiro Antônio Maciel caiu de um andaime e Francisco Xavier de Medeiros, o colono português idealizador e construtor da Igreja, presenciando o incidente, gritou por São Francisco. O pedreiro Maciel prontamente ficou preso pela camisa a uma tábua, pouco abaixo da janela da sineira, sendo puxado para baixo pelos outros pedreiros que atestaram o milagre (BRANDÃO, 2004. p. 351).

Em sua obra, Brandão (2004) relata vários outros registros de supostos milagres do santo franciscano e a devoção que o povo nordestino guarda do Santo. Destacando entre eles o de Ernani Gonçalves Chaves:

...Comunico que estou enviando. Sob registro postal, a quantia de 50 cruzeiros que foram encontrados dentro de uma garrafa na margem do Rio Gurupatuba, que banha esta cidade de

Monte Alegre, Pará, acompanhando de dois bilhetes que seguem em anexo:

Tendo recebido uma pancada, perdi a vista por completo. Indo ao médico nada obtive senão desengano. Recorri à proteção de São Francisco e voltei a enxergar para admiração do oculista. Antônio Ribeiro, Aracape, novembro de 1967.

Segue quantia de 500 cruzeiros para a Igreja de São Francisco das Chagas do Canindé. Foi uma graça alcançada por intercessão do milagroso São Francisco, aqui em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, pela senhora Maria do Carmo Vieira, que agradece o milagre obtido (BRANDÃO, 2004. p. 357).

Brandão (2004. p. 355), ainda relata que desde 1985, Dr. Aldaberto Barreto, professor da Universidade Federal do Ceará, coordena pesquisa sobre os ex-votos de Canindé, depositados na Casa dos Milagres ao lado da basílica. São peças e fotografias de várias partes do corpo, feitos em madeira ou barro. Todas agradecendo ou pedindo graças ao santo milagroso.

Dom Frei Vital de Oliveira²⁵, que foi bispo de Olinda e Recife, tendo chegado a ser preço durante o governo de Pombal (séc. XVIII), foi reconhecido como Servo de Deus pela Igreja, em razão dos diversos testemunhos de milagres e curas:

Há meses que minha única filha se achava bastante doente, foi medicada diversas vezes sem obter resultado; e como se complicava cada vez mais a moléstia, eu, muito aflita, recorri a D. Vital implorando a saúde de minha filha, para criar seus filhinhos, e ela melhorou consideravelmente... em poucos dias estava radicalmente curada... "(Maria Alves de Albuquerque – 1937 – Catende-PE).

Há alguns meses que moléstias mais ou menos graves vinham perseguindo dolorosamente duas pessoas de minha família, sendo uma delas minha filha casada que, segundo parecer médico, deveria se submeter á delicada operação. Temendo o insucesso, fiquei seriamente preocupada e aflita. Aconselharam-me recorresse à intercessão de Dom Vital e foi com inteira confiança que, tendo recebido o seu retrato, comecei a invocar o grande Bispo e mártir pela Causa da Santa Igreja de Deus em nossa pátria, para que me valesse e me alcançasse as duas graças. Nosso Senhor atendeu às preces do santo Bispo e as minhas doentes, posso dizer, estão boas, porquanto mesmo a minha filha não precisou fazer a tal

²⁵ OLIVEIRA, Dom Vital. **Testemunhos de Fé**.

<http://www.domvitaldeoliveira.org/category/testemunhos-de-fe/page/3/> Acesso em 08/08/2016

operação e não se queixa do incômodo que a torturava (Benedicta de Oliveira – 1937 – Freguesia do Ó-SP).

Steil e Alves (2003, p. 176-177), sobre a aparição de Maria, no ano e 1988, em Taquari, estado do Rio Grande do Sul, por sua vez, colhem relatos de movimentos atmosféricos, “o sol dança” e a “árvore chora”.

Reesink (2003), em seu artigo sobre Nossa Senhora de Angüera, em Feira de Santana, na Bahia, relata a aparição de Maria desde 1987. Tendo o vidente, Pedro Régis Alves, sido o primeiro beneficiário das graças da Virgem, com milagre da cura para sua enfermidade.

Mais recentemente, porém, com reconhecimento eclesiástico, sobre a beata Irmã Dulce, existe mais de 3.000 relatos de graças alcançadas pela sua intercessão. Deles, três foram considerados consistentes e começaram a ser analisados por peritos na capital da Bahia.

Os casos estão distribuídos entre Sergipe, Ceará e Bahia. Os milagres investigados não são detalhados para não atrapalhar o processo de investigação, que corre sob sigilo. O primeiro milagre atribuído à Irmã Dulce aconteceu em 2001²⁶. A sergipana Cláudia Cristiane dos Santos havia sido desenganada pelos médicos depois de dar à luz, em 11 de janeiro daquele ano. Logo após o parto, em Itabaiana, Cláudia apresentou um quadro grave de hemorragia. As possibilidades de tratamento se esgotaram ao longo das 28 horas em que a ela foi submetida a três cirurgias. Pela versão que sustentou a beatificação pelo Vaticano, a mudança no quadro ocorreu porque o padre José Almir de Menezes rogou à Irmã Dulce, de quem era devoto, pelo salvamento da paciente. Durante as orações, a hemorragia parou, o que se constituiu no milagre reconhecido pelo Vaticano.

Nascida no ano de 1865, ao norte da Itália, Irmã Paulina (Amábile Lúcia Visintainer) imigrou para o Brasil, juntamente com seus pais, seus irmãos e outras famílias da região Trentina, no ano de 1875, estabelecendo-se em Nova Trento, estado de Santa Catarina. Em razão de “cura instantânea, perfeita e duradoura²⁷” de Eluíza Rosa de Souza, que possuía uma doença complexa, morte intrauterina do

²⁶**Confirmação de três milagres tornará Irmã Dulce Santa.** Disponível em <http://www.brasil247.com/pt/247/bahia247/105209/Confirma%C3%A7%C3%A3o-de-3-milagres-tornar%C3%A1-Irm%C3%A3-Dulce-santa.htm> Acesso em 08/08/2016

²⁷**Santa Paulina.** Disponível em <http://www.santuariosantapaulina.org.br/index.php/santa-paulina/sobre-santa-paulina> Acesso em 08/08/2016

feto e sua retenção por alguns meses; extração com instrumentos e revisão do útero, seguida de grande hemorragia e choque irreversível. O caso foi discutido e, posteriormente, o Papa João Paulo II ratificou em decreto aprovando as conclusões da Congregação para as Causas dos Santos.

Já o segundo milagre, de Madre Paulina, foi atestado com a menina Iza Bruna Vieira de Souza, de Rio Branco, no Acre. Ela nasceu com má formação cerebral, diagnosticada como “meningoencefalocele occipital de grande porte”. No 5º dia de vida, foi submetida, embora anêmica, a uma cirurgia e, depois de 24 horas, apresentou crises convulsivas e parada cardiorrespiratória. A avó da menina, Zaira Darub de Oliveira, rezou à Madre durante toda a gestação da filha e também durante o período no Hospital. A menina Iza Bruna foi batizada no próprio Hospital, dentro do balão de oxigênio, e logo se recuperou. A cura foi reconhecida pelo Papa e, no dia 19 de maio de 2002, João Paulo II canonizou Santa Paulina, reconhecendo suas virtudes em grau heroico: humildade, caridade, fé, simplicidade, vida de oração, entre outras.

Tendo percorrido os sertões, aprendendo a língua tupi, catequizando e ensinando latim aos índios e escrito a primeira gramática tupi-guarani da América Portuguesa, chamada "Arte da Gramática da Língua Mais Falada na Costa do Brasil", publicada em Coimbra em 1595, padre Anchieta poderia ter entrado na história do nosso país em razão da sua própria biografia. Contudo, sua vida dedicada aos nativos do Brasil recebeu destaque na historiografia nacional. Ao receberem a notícia de sua morte, os indígenas batiam nas portas uns dos outros e diziam: “Morreu o nosso pai, morreu quem nos amava, morreu aquele que deu a vida por nós”²⁸. Foi beatificado pelo Papa João Paulo II, no dia 22 junho de 1980, sem provas de seus milagres. O processo de beatificação já se arrastava por mais de 300 anos, a despeito do fato do “milagre” das “três almas salvas” onde em único dia ele conseguiu converter ao cristianismo um homem a morte (o índio Diogo em Santos – SP), um velho e um menino deficiente mental. Foi canonizado em 2014 pelo papa Francisco, sendo conhecido como o Apóstolo do Brasil.

²⁸ **Vida e milagres do Padre São José de Anchieta.** Disponível em <http://rezairezairezai.blogspot.com.br/2014/07/vida-milagres-e-gracas-do-padre-sao.html> Acesso em 08/08/2016

As histórias de milagres, curas e graças aqui registradas, mesmo que muitas fora do universo mariológico, apontam para que o contexto de aparições, visões e fé estejam sempre correlacionados com a graça intermediada por Maria ou santos.

3.3 Milagres de Cimbres

Ao afirmar as videntes que a aparição teria dito que “vou fazer aparecer água no pé desta pedra como sinal” e a pedido da imagem, Maria da Luz cavou com suas mãos, retirando a terra existente na cavidade onde escorreu água, sendo esta água “para curar doentes”, consideramos o primeiro relato de milagre. Paiva (1987. p. 153), relata que as pessoas que iam ao Sítio Guarda buscavam no uso da água a expectativa de cura, tendo várias pessoas alcançado ‘a graça’ da cura.

Não temos testemunhos da época que relatem milagres e curas obtidas no período das aparições, os relatos só ocorrem a partir de 31 de agosto de 1985. Maria Eunice do Rego Barros seguiu em viagem para participar da peregrinação a Cimbres. Relata que pediu ao seu sobrinho, José de Anchieta, para subir ao monte e juntar um pouco de água que seria distribuída em família. Chegando em casa, começou a pôr a água em potes menores, de vidro, chegando ao seu, no último momento, “aconteceu um milagre maravilhoso”, a água, ao ser colocada saía na cor rosa forte. Trocando os vidros, continuava a água da mesma cor. Algum tempo depois, estando doente dos rins, conforme exame de urografia, relata ter tomado a água de Nossa Senhora com muita fé e pedindo-lhe cura. Feito o exame, a firma ter dito o médico “É incrível o que estou vendo! Seu rim está completamente normal, não precisa mais de cirurgia. Parabéns!” Ela respondeu: foi Nossa Senhora quem me curou, pois tomei da sua água com fé.

Em São Bento do Una, Aparecida Valença Freitas, em 23 de junho de 1986, afirma que seu filho de onze anos, Eduardo, acordou com crise de asma, sem hospital e farmácia próximos, rezando sob a cabeça do menino, rogou a Nossa Senhora das Graças que salvasse seu filho, que logo melhorou. Seu filho nunca tinha melhorado da asma sem a nebulização ou medicação.

Gercina Maria, em seu testemunho, relata ter problema no pé, mesmo indo a médicos e tomando remédios nada resolvia. Em casa, não conseguia colocar o calcanhar no chão. Resolveu fazer visita ao Sítio Guarda. E nessa visita afirma ter recebido grande graça. No caminho escaldante até a serra, de repente começou a

chover forte, no pé da serra a dúvida de subir. Muita água escorria da pedra, onde lavou seus pés e em oração pediu para ficar curada das dores. Depois desse dia nunca mais teve dores.

Anônima, de Fortaleza, deixou testemunho de que mesmo não tendo nascido na época das aparições, em 1936 sua irmã já tinha estado no Guarda. Mesmo descrente, pediu a Nossa Senhora das Graças para que intercedesse para um melhor relacionamento entre sua filha e o pai. A filha tinha um comportamento extrovertido e nada convencional. Em oração, pediu “Oh! Nossa Senhora, ajuda minha filha, não deixes que ela se perca nesse mundo pecaminoso como também todos os jovens”. O pedido feito em agosto, em setembro a filha estava noiva e em 27 de dezembro casou-se.

Necessitada em passar no curso para médicos do Estado, em 5 de agosto de 1986, Áurea Martins Castro relata que, com fortes dores de cabeça, com seu pai diabético, sentindo muitas dores nas pernas e com a mãe com problemas cardíacos recorreu a Nossa Senhora quando subia ao monte. Colheu um pouco de água e uma chuva fina começava a cair. Chegando dia da prova, das 80 questões só 3 eram de sua especialidade. No resultado final ficou em terceiro lugar.

Em 23 de agosto de 1987, Joyce Maria C. N. Costa relata ter atropelado uma criança de nove anos de idade, Marcos Aurélio do Nascimento e, estando ele inconsciente em seus braços, clamou a Nossa Senhora das Graças, prometendo ir ao Sítio Guarda no dia 30 de agosto. Levado ao hospital, e em estado de coma por vários dias, Joyce, cumprindo a promessa, subiu a Serra do Ororubá e trouxe um pouco da água da fonte e, voltando, entregou a água para a mãe da criança dizendo que com ela a criança seria salva. Dias depois começou a falar e já estava totalmente curado.

Maria José de Souza, testemunhou que seu esposo, que era diabético, feriu o pé, formando no lugar um calo de sangue. Embora socorrido por médicos o ferimento agravou-se, pois não cicatrizava. A taxa de glicose não baixava, apesar do regime e da insulina que tomava. Depois de muito tempo de tratamento foi diagnosticada gangrena. Preparando-se para a cirurgia, voltou para casa e deu-lhe uma colher da água do santuário. Depois pingou um pouco nos dedos doentes. Dia depois, pronto para a cirurgia, o médico desenfaixou o pé e disse que não precisava mais fazer aquela cirurgia.

Com várias verrugas nas mãos, cujo tratamento médico não resolvia, Irmã Camila, em peregrinação ao Sítio Guarda, lavou as mãos na água que brotava na pedra. Em seu retorno, ainda no ônibus, as verrugas começaram a cair.

Operada há 12 anos de um cisto na mão, Osmina Gomes de Oliveira relatou que voltou a aparecer e que, apesar de tirar o líquido do local e engessar, nada curava. Usou a água da gruta e o cisto desapareceu.

Aos cinco anos, Giulio Silu, sofria desde os dois anos de inflamação intestinal, nenhum tratamento médico tinha resultado. Comia pouco e a fruta era só o melão. Não podia comer outras. Sua mãe então lhe disse: vou lhe levar a cidade de Cimbres para visitar nossa Senhora. Mãe de Jesus, que Ela o curará. Em 28 de outubro de 1987 foi com sua mãe e subiu a serra dizendo “mãezinha de Jesus vai me curar”. Bebeu a água e pediu a cura. Rezou o Pai Nosso em italiano e foi curado.

Com 27 anos, José Leonel Crididio começou a sentir-se mal, o resultado do exame deu diabetes muito alta. Começou a fazer regime e cada vez foi ficando mais apático. Sabendo das aparições de Cimbres, sua mãe, Maria Helena, partiu em peregrinação e rezava bastante. Aos pés da imagem de Maria orou com seu marido. Leonel fez novos exames e o resultado deu normal.

Em 26 de agosto de 1988, encontrando Ione Paiva no Colégio Santa Maria, ela falou que estava indo a Pesqueira visitar o lugar onde uma Santa teria aparecido e continuava a se manifestar à irmã Adélia, uma das videntes. No dia 18 de setembro do mesmo ano, voltei ao Guarda para entregar em oração a filha que estava tendo problemas na gravidez. O menino nascera com saúde, mas em 10 dias seu pai foi diagnosticado com meduloblastoma no cérebro, tendo que inserir uma válvula no cérebro nas próximas 24 horas. Passado alguns dias, um novo exame atestava linfoma, o que se considerava raro no local onde encontrado. A cada mês, a doença piorava, começou a perder parte da visão e não conseguia andar direito. Em 1º de maio de 1989, Glorinha Aguiar esteve novamente em peregrinação no Sítio Guarda. Na subida do monte, Irmã Adélia foi juntando algumas pedrinhas e, ao descer, deu-lhe nove delas para que fizesse um chá com elas, diariamente. No dia seguinte, sentiu as pernas bambas, a primeira pedrinha desmanchou-se no fogo, e exalando cheiro de rosas. Em 26 de junho de 1989, foram novamente ao Sítio Guarda e, de lá, Irmã Adélia, em oração, agradeceu a Nossa Senhora pela cura. Seguindo para exames médicos, os exames atestaram a cura.

Segundo Vicente (2004, p. 74), a própria vidente, quando de nome Irmã Adélia, recebera a cura. Estando diagnosticada de câncer, em 1985, com apenas três meses de vida, “assim sabendo que ia morrer, decidiu contar sua história à comunidade”. Sua superiora então lhe perguntou se queria promover uma peregrinação ao santuário. Em 9 de março de 1985, o grupo de freiras vai ao local que muitos já não iam mais. Irmã Adélia, curada do câncer, viveu até os 91 anos de idade, falecendo no Recife, em 2013.

Em sua pesquisa realizada durante o ano de 1987, Paiva (1987. P.153-187), registrou 37 depoimentos de curas e graças. Contudo, os devotos estudiosos de Nossa Senhora das Graças continuam a registrar os fenômenos extraordinários que envolvem a aparição de Cimbres, ainda não reconhecida pela Igreja.

Para o beneditino Dom Rafael Maria, em depoimento, os milagres de Nossa Senhora das Graças, de Cimbres, são acontecimentos que ultrapassam o espaço temporal. O romeiro vive o milagre da fé diariamente em sua vida social-religiosa.

Apesar de todo nosso desenvolvimento acadêmico-teológico sobre ‘milagre’, para aqueles que buscam nas aparições e santos, o milagre é a solução para o seu pedido, sejam eles de caráter afetivo, financeiro ou dor física. O milagre é a solução prática, cotidiana. Continua Brandão:

O ver a vida de maneira simples, milagrosa. Tal qual São Francisco amava como milagre cotidiano seus irmãos sol, lua, lobo e morte. A graça e a misericórdia divina fazendo-se presentes no dia-a-dia, aliviando as dores, retomando a alegria (BRANDÃO, 2002. p. 358-359).

Independente do ponto de vista, o milagre é um fenômeno da fé que proporciona a cura de todos os males para quem assim crê. Sendo a cura e a graça decorrentes, na realidade fática, de tratamento médico ou psicológico, a nós é pouco relevante, uma vez que nossa perspectiva é analisar os fatos à luz das Ciências da Religião, que visa não propriamente dar respostas, mas sim estudar o fenômeno religioso.

Figura 9 – Vista aérea



Fonte: O Nordeste – Jornalista Ivan Maurício

Figura 10 - Romeiros



Fonte: Acervo Diário de Pernambuco

Figura 11 – Romeiros na Gruta



Fonte: Acervo Diário de Pernambuco

Figura 12 – Subida dos romeiros



Fonte: Google

Figura 13 – Escadaria de acesso a Gruta



Fonte: Geyson Magno/Arquivo Diário de Pernambuco

Figura 14 – Missa em Cimbres, ano 2014



Fonte: Fundação Nossa Senhora de Cimbres

Figura 15 – Devoção



Fonte: Arquivo Diário de Pernambuco

Figura 16 - Gruta



Fonte: Geyson Magno/Arquivo Diário de Pernambuco

CONCLUSÃO

Durante as páginas que antecederam, buscamos em “Maria, Mariana na Serra do Ororubá” apresentar um fenômeno religioso que é celebrado em Cimbres, Pesqueira, desde 1936, sendo considerada uma das aparições mais antigas já registradas, porém, ainda não reconhecida pela Igreja.

Pesquisamos durante longos meses outros fenômenos de supostas aparições marianas ao logo da história recente. São inegáveis algumas características comuns que elas entrem si possuem, de mesma forma não podemos negar como a devoção a Maria é algo sedutor aos videntes e como envolve emocionalmente as pessoas que nela acreditam.

Ao tempo, não podemos deixar de registrar a importância dos estudiosos que antes deste desenvolveram suas pesquisas: Ione Paiva (1987), Swann (2001), Severino Vicente (2002), Edson Silva (2002), Carlos Steil (2003), Sylvana Brandão (2004), Leticia Quérette (2007), Ligia Lira (2014) e Rafael Maria (2016), cada um com sua perspectiva e olhar científico ou teológico-devocional, porém, marco na historiografia de suas respectivas áreas, que muito me auxiliaram a escrever no olhar das Ciências da Religião.

Nossa metodologia de natureza qualitativa, exploratória, iniciada com análise de bibliografias e de fontes primárias, foi aprimorada com importante entrevista com o especialista do tema, o beneditino Dr. Dom Rafael Maria que, pela Universidade Marianum de Roma, defendeu estudo sobre mariologia. Utilizamos de iconografia, buscamos em jornais da época colher notícias, apesar de que não encontramos registros no Jornal do Commercio do Recife e no Diário de Pernambuco, no período de agosto a novembro de 1936. Contudo, consideramos oportuno que futuros estudos dediquem-se a análise da importância ou não da imprensa na difusão das aparições de Cimbres.

No primeiro capítulo, dedicado as **APARIÇÕES E AS PRIMEIRAS NARRATIVAS EM PERNAMBUCO** o leitor pode compreender a distinção de “visão” e “aparição”, que a princípio poderia nos parecer sem relevância ou de igual significado. Pontuamos que a Igreja reconhece o fenômeno das aparições, visões, corpóreas ou imaginativas, de Jesus, Nossa Senhora ou de anjos e santos, contudo,

o foco principal para a Igreja é saber se a aparição é de origem divina ou demoníaca.

Pudemos ainda lembrar fenômenos de aparições que, apesar de centenárias, ainda penduram na fé, como a de Fátima e Lourdes, que contagiou com seus nomes paróquias em todo território nacional, e que ainda são testemunhos da religiosidade.

Não deixamos de lembrar o papa João Paulo II, um dos maiores defensores de Maria na Igreja, tendo publicado a encíclica *Redemptoris Mater*, sobre o culto mariano, declarando que, “na vida da Igreja, na realidade, se não é possível estabelecer um momento cronológico preciso para aí fixar o nascimento de Maria, tem sido constante da parte da Igreja a consciência de que Maria apareceu antes de Cristo no horizonte da história da salvação” (PAULO II, 1987, p, 10), se tornando um dos maiores propagadores da fé mariana na Igreja.

Com Carlos Steil, organizador do livro “Maria entre os vivos: Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil” entramos no universo das supostas aparições marianas, uma publicação cujos autores debulharam magistralmente o tema, fazendo emergir para nós fenômenos pouco divulgados, porém, muito trabalhado na imprensa de cada localidade.

Adentrando nas aparições da Vila de Cimbres, como frisa Severino Vicente, descortinamos o fenômeno da suposta aparição de Nossa Senhora das Graças, do Sítio Guarda, ocorrido no ano de 1936. Sendo possível conhecer que a devoção mariana naquele lugar nos leva ao período da colonização brasileira. E aqui pontuamos para futuros estudos, um aprofundamento para com a influência dos frades Oratorianos na devoção mariana na Serra do Ororubá e supostas semelhanças da prática devocional mariana, as características descritas sobre Nossa Senhora das Graças, feita pelas videntes. E dentro do contexto, estudar a constante participação de monges beneditinos e seu apoderamento do fenômeno.

No segundo capítulo, **EU SOU A GRAÇA**, toda narrativa se deu a partir do diário do padre Kehrle (1936), a construção repetitiva extraída de Paiva (1987), teve como intenção, como fez Ginzburg em “O queijo e os vermes”, reescrevemos o cenário das aparições, permitindo ao leitor inicial conhecer a raiz do fenômeno e seu contexto social, sem a necessidade de buscar em textos complementares o conhecimento do fenômeno das quase quarenta aparições de Cimbres.

As contínuas supostas aparições e o ritmo crescente de romeiros, considera Quérette (2007), deram início ao período de pressões da Diocese e da polícia, considerando que as aparições poderiam transformar o lugar em ponto de fanatismo, contrariando o que defende Della Cava (2014), em seu “Milagres em Joazeiro” que a Igreja vivia um período de romanização logo, por analogia temporal, a propaganda de uma nova devoção, consideramos, poderia causar risco a proposta de nacionalização de Nossa Senhora Aparecida.

No decorrer da narrativa, observa-se maior destaque aos diálogos da vidente Maria da Luz, talvez em razão de sua melhor condição financeira, sob a da descendente do ventre livre, Maria da Conceição, deixando espaço para um futuro estudo sobre a menina.

A metodologia de investigação do padre Kehrlé sobre as aparições, diz Dom Rafael Maria, inaugura um procedimento investigatório nunca ou pouco aplicado naquela época, o de perguntas em vários idiomas, confrontação entre as videntes e contextualizações teológicas abrem a possibilidade também para futuros estudos sobre o tema.

No terceiro capítulo **MILAGRE, A CURA E A GRAÇA**, aprofundamos os aspectos místicos das aparições de Nossa Senhora das Graças, da Vila de Cimbres, contudo, buscamos através de outros fenômenos registrados no Brasil robustecer o tema com exemplos que reconhecidos ou não pela Igreja que permeia o cotidiano da fé. A evolução no entendimento teológico do milagre que surge a partir da doutrina de santo Agostinho e de santo Tomás, sobretudo a partir do Concílio Vaticano I, que visou normatizar o conceito, nos dando subsídios para compreender o pensamento da Igreja hierárquica. Contudo, melhor nos apegamos ao pensamento de Brandão (2002, p. 339) que sintetiza a filosofia franciscana ao dizer que milagre é o cotidiano dos nossos, como os “irmãos sol, lua, lobo e morte. A graça e a misericórdia divina fazendo-se presentes no dia-a-dia, aliviando as dores, retomando a alegria”.

Na apresentação de milagres, debulhamos citando alguns ocorridos no Brasil, iniciando em 1889, em Juazeiro do Norte, com a beata Maria de Araújo que, tendo recebido a hóstia das mãos de Padre Cícero Romão, caiu ela tingida em sangue, como bem descreve Della Cava em sua tese de doutorado, posteriormente publicada em livro.

São Francisco das Chagas do Canindé é uma invocação ao espírito nordestino e de devoção popular, Brandão em seu texto, nos apresentou a riqueza

do imaginário popular, contribuindo ainda com relatos de cura atribuídas ao Santo de Canindé.

Em razão de nossa localização geográfica não deixamos de citar Dom Frei Vital de Oliveira, bispo de Olinda e Recife, no século XVIII, que foi preso durante o governo de Pombal e reconhecido pela Igreja como Servo de Deus, em razão dos diversos testemunhos de milagres e curas que ainda hoje abastece seu processo de canonização.

Carlos Steil e Alves foram de grande importância para construção de nosso texto, pois contribuíram com o lato da aparição de Maria, do ano de 1988, em Taquari, estado do Rio Grande do Sul. Em mesma obra, Reesink, em seu artigo sobre Nossa Senhora de Angüera, de Feira de Santana, na Bahia, nos apresentou sua pesquisadora sobre a aparição de Maria desde 1987. Tendo o vidente, Pedro Régis Alves, o primeiro beneficiário das graças da Virgem, com milagre da cura para sua enfermidade.

Com mais de 3.000 relatos de graças alcançadas pela sua intercessão e em processo de reconhecimento eclesiástico, Irmã Dulce é um exemplo da riqueza de conteúdo que as Ciências da Religião terão o desafio de amplamente estudar, bem como uma maior pesquisa sobre Padre Anchieta, na perspectiva das Ciências da Religião.

Os 37 supostos milagres registrados por Paiva, atribuídos a Virgem da Graça, de Cimbres, é um farto material de pesquisa, porém, nos guardamos a citar apenas doze, destacando a singeleza de Giulio Silu, de cinco anos, que sofrendo de inflamação intestinal, subiu a Serra do Ororubá em 1987 dizendo “mãezinha de Jesus vai me curar”. Um décimo terceiro milagre, atribuído a Santa, como contribui Vicente (2004) teria sido o da Irmã Adélia, que diagnosticada de câncer e com a perspectiva de apenas três meses de vida em 1985, só veio a falecer em 2003, aos 91 anos de idade, curada do câncer.

Carece de mais profundo estudo, a correlação da suposta aparição de Nossa Senhora e de São Francisco registrada no período de julho de 1937 até o fim de janeiro de 1938, no município de Alagoinha, território da mesma diocese de Pesqueira, com a de Cimbres, visto que é apontado como uma continuação da Serra do Ororubá.

Sem analisar a validade das supostas aparições, a Igreja, atenta aos seus interesses, seja de cunho pastoral ou comercial, propôs ocupar a Serra do Ororubá

visando construir um santuário, em 2002. Contudo, como fomos testemunha, quando estivemos à frente da superintendência regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) a disputa territorial com os índios xucuru inviabilizou o projeto, tendo a Igreja construído um pequeno santuário em outra área de Cimbres, porém, sem muita aceitação por parte dos fieis, que continuam a frequentar o lugar exato das aparições.

Ao concluirmos esse nosso trabalho, temos a certeza de que o fenômeno da aparição de Nossa Senhora das Graças, no Sítio do Guarda, em Pesqueira, não foi totalmente esgotado. É necessário que vários outros olhares das ciências voltem ao tema visando sempre contribuir com outras perspectivas, visto que o fenômeno de Cimbres ainda é pouco estudado, daí também se justificar os poucos autores que contribuíram para as linhas que construíram essa nossa pesquisa.

A fé não se restringe a fenômenos desconhecidos ou na crença de que uma sociedade majoritariamente religiosa é uma sociedade mais ética. A fé é um conjunto de elementos antropológicos e teológicos que, à luz das Ciências da Religião, carece de estudo contínuo.

Como estudiosos das Ciências da Religião, o nosso desafio é rescrever os fatos dos fenômenos religiosos, pavimentando sempre o caminho para o conhecimento que a cada dia se transforma.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Ulisses Lins de. **Um Sertanejo e o Sertão – Memórias**. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1976.
- ALMEIDA.Tânia Mara, 2004, Vozes da Mãe do Silêncio. Brasília, CNPq e Pronex
- ALVES, Rubem. **O que é religião?** São Paulo: Edições Loyola, 1999. p.41
- ANDRADE, Maristela Oliveira de. **500 anos de Catolicismo & Sincretismo no Brasil**. João Pessoa: UFPB, 2002.
- APARIÇÕES e REVELAÇÕES PARTICULARES. Subsídios Doutriniais da CNBB. **São Paulo: Paulinas, 2010.**
- ARAUJO, Emanuel. **História das Religiões no Brasil**. Vol. 2. 2002. Recife: UFPE. 2002
- BARNAY, Sylvie. **Le Ciel sur la Terre: Les apparitions de la Vierge au Moyen Âge**. França, Hardcover, 1999
- BARNAY, Sylvie, 1999, Le Ciel sur la Terre: Les apparitions de la Vierge au Moyen Âge. Paris, Les Editions du Cerf.
- BARNAY, Sylvie, 2002, La Vierge: Femme au visage divin. Paris, Gallimard.
- BERGER, Peter L. **A dessecularização do mundo: uma visão global**. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: Iser, 2001.
- BOSCHI, Caio César. **Por que estudar história?** São Paulo: Editora Ática, 2007. Op. Cit., p.58
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.p. 114
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**. Um estudo sobre a religiosidade popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BRANDÃO, Sylvana. São Francisco das Chagas do Canindé, Ceará, Brasil. In: **História das Religiões no Brasil**. Sylvana Brandão (Org). Recife: UFPE, 2004, Vol.3, PP.339-370.
- CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- Dicionário de Mariologia**. São Paulo: Paulus, 1995
- Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus, 2003

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

CORAZZA, Helena. **Rosário em Família: com Maria contemplando o rosto**. São Paulo, 2005, 6ª edição, p.33

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas Vol. 1, 2 e 3**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

FREYRE, Gilberto. **O exemplo de Ibiapina**, prefácio do livro de Celso Mariz, Ibiapina, um apóstolo do Nordeste, 1980

FRÖLICH, Lourent. **Les catholiques intransigeants em france**. L 'hARMATTAN, 2002.

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

LIRA, Ana Lúcia. **O Diário do Silêncio**. Recife: Edupe, 2014.

MARIA, Padre Júlio. **O Fim do Mundo está próximo?** Prophecias antigas e recentes. Rio de Janeiro: Livraria Boa Imprensa, 1940.

MARIA, Rafael Francisco da Silva. **Quem Viu o Cristo Ressuscitado?** Maria Madalena ou a Virgem Maria? A tradição dá a resposta. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2015.

_____. **Eu sou a Graça**. Campinas: Ecclesiae, 2016

MARQUES, Alexandre Bittencourt Leite. **Do Litoral aos Sertões de Ararobá de Pernambuco: fronteiras, poder local e sociedade na América portuguesa (1762-1822)**. CLIO – Revista de Pesquisa Histórica – n. 30.2. Recife, 2013.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MELO, Maria de Fátima Vilar de; GOUVEIA, Maria das Graças Caldas. **Considerações sobre a teoria das representações sociais**. In: Interlocuções: Revista de Psicologia da Unicap. Ano 1 – nº 1 – janeiro – junho 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

PAIVA, Ione Maria Cavalcanti. **Aqui o Céu Encontra-se Com a Terra**. Recife, 1989

PAULO VI 1974, p. 03 **Exortação Apostólica Marialis Cultus** (PELLETIER, 2005, p, 216).

PELLETIER, Denis, 2005, “Laurent Frölich, Les catholiques intransigeants en France”, Archives de Sciences Sociales des Religions, 131-132: 215-311.

PINTO, Estevão. **Etimologia Brasileira**. São Paulo: CIE Editora Nacional, 1974.

QUÉRETTE, Leticia. **A Virgem Maria também apareceu em Pernambuco**. Recife: Editora Universitária, 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

ROESER, Pedro. Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco. Recife: Imprensa Oficial, 1922.

ROGER, Caillois. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Gallimard, 1950.

SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira. **A arqueologia guarani – construção e desconstrução da identidade indígena**. São Paulo: FAPESP, 2003.

SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. “**Viagens do Rosário entre a Velha Cristandade e o Além-Mar**” In Estudos Afro Asiáticos. 02. 2001, p.79

SPINK, Mary Jane (Ed.) **O conhecimento no cotidiano: A representação social na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SWANN, Ingo. **As Grandes Aparições de Maria: Relatos de vinte e duas aparições**. São Paulo: Paulinas, 2001.

SILVA, Edson. **Povo Xukuru do Ororubá: História a partir das memórias de “seu” Gercino**. João Pessoa. Saeculum Revista de História, 2008.

SILVA, Severino Vicente. As Deusas do Ararobá. In: **História das Religiões no Brasil**. Sylvana Brandão (Org). Recife: UFPE, 2004, Vol.2, PP.323-377.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias**. Petrópolis: Vozes, 1996.

WEBER, Max. **Ensaio Reunidos de Sociologia da Religião**. São Paulo: LTC, 1982.

_____. **Economia e Sociedade: Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva**. Brasília: UNB, 1999.

DA INTERNET

ACHIROPITA,2012.Disponível em <http://www.achiropita.org.br/uploads/images/jornal/pdf/Jornal%20de%20Pascoa%202012%20S.pdf> Acessado em 22/09/2015.

BARILE, Gianluca. **Vaticano declara falsas as aparições de Medjugorje**. Disponível em <http://www.padremarcelotenorio.com/2015/06/vaticano-declara-falsas-as-aparicoes-de-medjugorje/> Acesso em 02/06/2016

CARREIRA, Paula Cristina Ferreira da Costa. Dominicanos: Breve história da fundação da Ordem dos Pregadores e da presença em Portugal. Disponível em http://www.snpcultura.org/dominicanos_historia_fundacao_e_presenca_portugal.html Acessado em 22/09/2015.

Confirmação de três milagres tornará Irmã Dulce Santa. Disponível em <http://www.brasil247.com/pt/247/bahia247/105209/Confirma%C3%A7%C3%A3o-de-3-milagres-tornar%C3%A1-Irm%C3%A3-Dulce-santa.htm> Acesso em 08/08/2016

MARTINS JÚNIOR, Alceu da Paz. **O Início das Aparições e Manifestações do Céu na Cidade de São José dos Pinhais, Estado do Paraná, Brasil** Disponível em <http://www.aparicoesdemariarosamistica.com/historia.html> Acesso em 02/06/2016

OLIVEIRA, Dom Vital. Testemunhos de Fé. <http://www.domvitaldeoliveira.org/category/testemunhos-de-fe/page/3/> Acessado em 08/08/2016

PACHECO, Paulo Henrique Silva. **A origem branca da devoção negra do rosário.** Disponível em <http://revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC3/PAULOHENRIQUEPACHECO.pdf> Acessado em 22/09/2015

Para uma teologia do milagre. Disponível em <http://www.paraclitus.com.br/2013/veritas/teologia/para-uma-teologia-do-milagre/> Acesso em 03/08/2016.

Revista do IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Tomo 10. P. 159-160. Disponível em <https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb.html> Acesso em 10/04/2016

RICARDO, Paulo. Disponível <https://padrepauloricardo.org/blog/igreja-reconhece-aparicao-de-nossa-senhora-medianeira-nas-filipinas> Acesso em 22/09/2015

SALES, Lílian “**A legitimação das aparições da Virgem Maria: estratégias e agências**”, Revista em Rede de Investigação em Antropologia Vol 17 (02), 2013. Disponível em <http://etnografica.revues.org/3136?lang=pt> Acesso em 10/04/2016

Santa Paulina. Disponível em <http://www.santuariosantapaulina.org.br/index.php/santa-paulina/sobre-santa-paulina> Acesso em 08/08/2016

Vida e milagres do Padre São José de Anchieta. Disponível em <http://rezairezairezai.blogspot.com.br/2014/07/vida-milagres-e-gracas-do-padre-sao.html> Acesso em 08/08/2016